

Chega de cachorrada, pessoal!
Vim para latir e morder



BRASIL AGORA

Dê uma aliança para o bem do Brasil



ANO I Nº0 1ª QUINZENA SETEMBRO DE 1991

Cr\$ 600,00

Sem inimigo visível, sem guerras para lutar, com o poder minado e o prestígio em baixa, os militares brasileiros estão passando por uma dura crise de identidade

PÁG. 4

LEGIÃO SEM CAUSA

AMIGOS URSOS DA URSS

EM NOME DA DEMOCRACIA, IELTSIN RESTAURA A "MÃE RÚSSIA" E MANDA FECHAR O PRAVDA. EM NOME DO MERCADO, O OCIDENTE PROMETE AGORA FINANCIAR A RESTAURAÇÃO.

PÁG. 12

ESQUERDA, PARA ONDE VOLVER?

PÁG. 3

A USINA DO MEDO E DA MARACUTAIA

PÁG. 10

ENTREVISTA: MÁRCIO SOUZA E A LOROTA LIBERAL

PÁG. 8

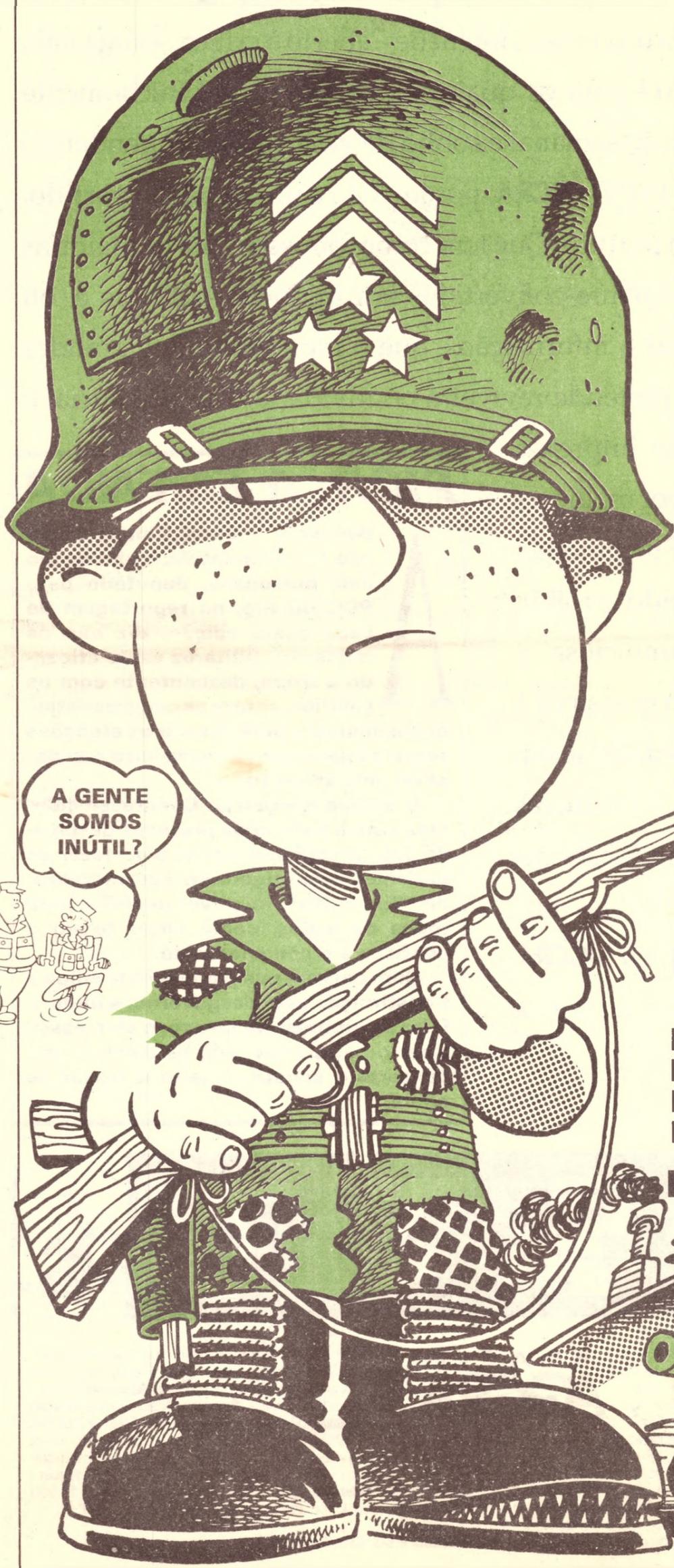
O DIA EM QUE O BRIZOLA FOI LEGAL

PÁG. 15

O HOMEM QUE EMBALA OS IMORTAIS

PÁG. 16

JAYME LEAO



DIÁLOGO

"Acho absolutamente necessária a chegada de um novo jornal porque, em matéria de jornalismo crítico, passei a ler em francês (Le Monde) e espanhol (El País). Atualmente, o Jornal Nacional, da Globo, e a grande imprensa estão quase a mesma coisa. Acho que a única coisa que se critica com seriedade hoje em dia neste país é futebol".

Caio Graco
editor e diretor da Editora
Brasiliense

É uma necessidade que se aumente o número de jornais para que haja um maior círculo informativo. A chegada do BRASIL AGORA é saudada com satisfação e bastante entusiasmo tanto mais pela mensagem a que se propõe, ou seja, o tratamento dos assuntos de forma analítica".

José Castro Bigi
presidente da OAB,
seção São Paulo

"Mais que um jornal, o que desejamos é um espaço democrático em um país no qual apenas 9 famílias dominam praticamente 80% da circulação de informações. É preciso dar voz a quem não tem voz".

Antônio Carlos Fon
presidente do Sindicato dos
Jornalistas no Estado de São Paulo

"Abrir novos espaços para que se discutam idéias, num país como o nosso, onde a ditadura ressuscitou nos meios de comunicação, através do monopólio da informação, é sempre um ato de coragem. Pode significar um marco na real democratização das instituições do país".

Patrícia de Angelis
presidente da UNE

"Todos os jornalistas devem saudar o surgimento de mais um veículo num país ainda tão carente de informação. Desejo longa vida e muito sucesso ao BRASIL AGORA".

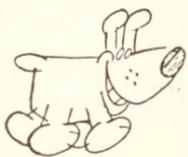
Augusto Nunes
Diretor de Redação de O Estado
de S. Paulo

"Acho que é sempre extremamente positivo o aparecimento de um novo jornal, contanto que a sua finalidade seja a de esclarecer objetivamente a opinião pública. Por isso faço os melhores votos para o êxito do novo jornal".

Antônio Cândido
professor emérito da Faculdade
de Filosofia da USP

"O nascimento de um jornal sempre é um parto da maior importância para a liberdade, para a democracia. Desse parto todos nós participamos. Eu, como pai do nascituro, espero que ele seja belo, nobre, autêntico, fiel ao seu nome e, por via de consequência, fiel a sua gente".

Lima Duarte
ator



2 BRASIL
AGORA



BRASIL AGORA

chegou. Quer dialogar com o leitor inteligente, como você, que está cheio da mesmice e da manipulação dos fatos, promovida pela indústria da desinformação.

Este "zero" é uma amostra das nossas intenções, aberto à crítica, à sugestão, ao palpite, ao julgamento - com os quais se fará um jornal inicialmente quinzenal. Mas com vocação semanal e sonho de virar diário, dependendo do seu apoio. Lançado pelo PT, **BRASIL AGORA**, porém, não é um jornal de partido. Mas é um jornal que toma partido. Que tem compromissos com as maiorias sociais deste país, injustamente convertidas em minorias políticas e/ou culturais. Ao democratizar a informação - que o monopólio dos grandes meios bloqueia - **BRASIL AGORA** pretende reviver a criatividade, a irreverência, o senso crítico da chamada imprensa alternativa. Favorecidos por melhores meios, viemos para ficar. E incomodar. Nestas páginas, é proibido proibir, censurar. Nossa meta, ambiciosa, é única: praticar jornalismo que sirva à construção de uma sociedade justa, democrática, de homens e mulheres livres e iguais. Cria de muitas cabeças e de muitas mãos ao longo de anos (nas fotos, reuniões de trabalho), **BRASIL AGORA** chega em breve às bancas ou à sua casa, por assinatura. Assine já.

PIOR A EMENDA

Adenúncia é gravíssima e ainda não foi desmentida: o ex-capitão Jair Bolsonaro, deputado pelo PDC do Rio, na reportagem de capa desta edição, diz que os ministros militares estão atirando a tropa, descontente com os salários, contra os congressistas, numa manobra para desviar as atenções sobre o Executivo - o verdadeiro responsável pela situação.

O ataque (verbal) ao Congresso coincide com a bateria de pressões despejada pelo presidente Collor para fazer os parlamentares engolirem o desmoralizado "Emendão", o novo remédio para todos os males, como antes foram o confisco e o congelamento.

Num país em que o presidente culpa a Constituição pelo desgoverno, e onde, à falta de hipótese de guerra, o alvo passa a ser o Legislativo, não há emenda que conserte o soneto. O jeito é trocar de poeta.

FOTOS - HUGO SCOTTE



EDIÇÃO EXPERIMENTAL. DIRETOR: JOÃO MACHADO EDITOR: RUI FALCÃO. EDITOR DE ARTE: JOCA PEREIRA. COLABORADORES: ALÍPIO FREIRE, ALAN RODRIGUES, ALOÍSIO MORAIS MARTINS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ÁUREA LOPES, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CELSO HORTA, CELSO MADEIRA, CINTIA CAMPOS, DINORAH PERLATI PINTO, EMÍLIO ALONSO, EUGÊNIO BUCCI, FARAÓ, FERNANDA ESTIMA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIO AGUIAR, HAMILTON DE ALMEIDA, HÉLIO DOYLE, IVAN SEIXAS, ISAAC ACKSELRUD, JAYME LEÃO, JOÃO ANTÔNIO, JORGE NUNES, JOSÉ ROCHA, JUAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO ANTONIO SCHUSTER, MARCOS SOARES, MARIA RITA KEHL, MARIANA KOTSCHO, MARIÁLIA ANDRADE, MARINGONI, MARKUS SOKOL, MARTIN KOVENSKY, MOUZAR BENEDITO, OHI, PATRÍCIA CARVALHO, PATRÍCIA CORNILS, PAULO BARBOSA,

BRASIL
AGORA

PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTILI, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, VALTER POMAR, VERA ACIOLI. GERÊNCIA-GERAL/CIRCULAÇÃO: HUGO SCOTTE. ADMINISTRAÇÃO: MARIA ALICE DE PAULA SANTOS. SECRETARIA: ADÉLIA CHAGAS. REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: ALAMEDA GLETE, 1049 - FONE: 220.7198 CEP. 01215 - SÃO PAULO (SP). A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL. PAGINAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: OFICINA DE DADOS - RUA PURPURINA, 490. FOTOLITOS: ED ART FOTOLITO COMERCIAL LTDA. IMPRESSÃO: EDITORA FTD. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 50.000 EXEMPLARES. ESTE JORNAL FOI IMPRESSO NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1991.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: RUI FALCÃO

OS PARTIDOS DE TRADIÇÃO SOCIALISTA ESTÃO NA MUDA. A SAFRA DE CONGRESSOS, PARA A JUSTAR AS LINHAS, SÓ ACABA EM 1992, COM O DO PC DO B. O PT FAZ O SEU EM NOVEMBRO. E O PCB, DIVIDIDO, QUER MUDAR O SÍMBOLO E A RAZÃO SOCIAL.

A ESQUERDA DEBATE

A esquerda brasileira vive momentos de definição. O Partido Comunista Brasileiro realizou, em julho, seu 9º Congresso. Mas sua direção nacional decidiu convocar outro, extraordinário, para criar uma "nova formação política de esquerda" - trocando em miúdos, para acabar com o velho "partidão".

O Partido Socialista Brasileiro planeja realizar, em novembro, no Recife, um seminário nacional para discutir "um programa socialista para a crise do capitalismo brasileiro".

Entre o final de novembro e o início de dezembro, será a vez do PT realizar seu 1º Congresso, que vem sendo preparado desde março. Em pauta, a concepção petista de socialismo, os caminhos de sua construção e a própria estrutura e funcionamento do partido. Já o Partido Comunista do Brasil marcou, para janeiro de 1992, seu 8º Congresso.

Além de se posicionar frente aos vários aspectos da crise do socialismo, toda essa movimentação da esquerda brasileira visa também discutir alternativas para a profunda crise em que o Brasil está enredado.

"Enquanto a imprensa joga pesado na crise do socialismo, se esquece da crise do capitalismo brasileiro", diz Rodrigo Rollemberg, suplente da direção nacional do PSB. "Até porque estamos muito à vontade nesse debate - desde 1947, o PSB afirma que o socialismo só pode ser construído com democracia -, temos mais facilidade para discutir os grandes temas nacionais".

Não é este o caso do PCB. Identificado desde o nascedouro com o movimento comunista internacional, o "partidão" sentiu em dobro o golpe dado por cada uma das notícias que vêm do Leste europeu.

A maioria do partido - liberada pelo deputado federal Roberto Freire - buscou se adaptar aos novos tempos: adotou a tese da "radicalidade democrática", segundo a qual o socialismo seria "a democracia levada à última instância"; assumiu um novo estatuto, mais flexível; e defendeu inclusive a mudança do nome e do símbolo do partido - proposta derrotada no 9º Congresso, mas que será reapresentada no congresso extraordinário.

Contra os chamados "renovadores", formou-se uma corrente auto-intitulada de "ortodoxos marxistas-leninistas", integrada entre outros por Oscar Niemeyer e pelo ex-reitor da UFRJ, Horácio Macedo. Contrários ao congresso extraordinário, os "ortodoxos" estão promovendo um "movimento em defesa do Partido".

Não só de "ortodoxos" e "renovadores" vive o PCB. Durante seu 9º Congresso, existiu também uma tendência "contra o dogmatismo e contra a social-democracia". Apesar de apoiarem boa parte das teses do grupo de Roberto Freire, os terceiristas defendem a demarcação mais nítida com a social-democracia e uma política de alianças preferencial com as forças de esquerda. A "Declaração Política" proposta por Freire foi aprovada por 336

votos a favor, contra 254 em apoio às teses "ortodoxas" e 45 votos favoráveis à terceira corrente. Essa correlação de forças fez com que, diante do golpe de Estado na URSS, o PCB se dividisse. Enquanto a executiva nacional adotou uma posição clara contra o golpe, líderes da minoria vieram a público apoiar os golpistas ou, simplesmente, criticar duramente a posição ofi-

Folha de S. Paulo.

Diante do protesto generalizado - e de uma disputa de bastidores que não se tornou pública - o PC do B ensaiou um recuo. Aldo Rebelo, também em artigo na **Folha de S. Paulo**, explicou que a posição do PC do B não era de apoio ao golpe - atitude mais do que necessária, até porque,

tância - inclusive os sindicalistas, cujas atenções estão todas voltadas para o 4º Concut.

Augusto de Franco, coordenador-geral do 1º Congresso, acha que a dinâmica de preparação do Congresso é semelhante à dinâmica eleitoral: "pega fogo no

QUEM FICA COM A FOICE E O MARTELO

Partido Comunista do Brasil, sigla PCB, fundado em 25 de março de 1922. Acusado em 1947 de ser uma sucursal de organização subversiva internacional, tem seu registro cassado. Nos anos 60, tenta recuperar a legalidade, mudando o nome. Passa a se chamar Partido Comunista Brasileiro, sigla PCB, posteriormente apelidado de "partidão".

Partido Comunista do Brasil, sigla PC do B, fundado em 1962.

Afirma ser a continuação legítima do partido fundado em 1922 - por isso mesmo, considera a data de 1962 como de reorganização do partido. Criado por antigos dirigentes e militantes do PCB, em discordância com a linha política da maioria. Hoje, a maioria de sua direção é composta por ex-militantes da Ação Popular.

Agosto de 1991: o PCB convocou um congresso extraordinário que discutirá a proposta de dissolver o partido e criar outro, cujo nome seria algo como "partido do progresso e da democracia". Agosto de 1991: parte dos descontentes com a evolução do PCB entra no PC do B. E la nave va.



cial do Partido: "todos foram contra o golpe e pediram o retorno de Gorbachev. Hoje, Gorba é uma rainha da Inglaterra sem coroa, há um golpe de direita comandado por Bóris Ieltsin, desencadearam uma verdadeira caça aos comunistas e ninguém denuncia", argumenta um antigo dirigente do PCB, que está saindo do partido.

Também às voltas com seu passado, o PC do B prepara uma cautelosa autocrítica em relação ao stalinismo: "nossa luta contra o revisionismo pecou pela unilateralidade. Não observamos deformações objetivas que existiam já no período de Stálin: a falta de liberdade, a fusão partido/Estado", diz Nádia Campeon, da direção regional de São Paulo.

Mesmo essa autocrítica cautelosa é vista com temor por setores do PC do B: "alguns enxergam nisso uma concessão aos liberais", diz Nádia. É possível que este seja o caso de João Amazonas, principal dirigente do partido e autor da maior pérola literária produzida pela esquerda brasileira diante do golpe de Estado na URSS: "notícias alvissareiras", sapecou Amazonas, em artigo na

àquela altura, o golpe já era. E Sérgio Benassi, da direção municipal do PC do B em Campinas, adota um estilo orwelliano e dispara: "não há nenhuma contradição entre as posições de Amazonas e as do partido".

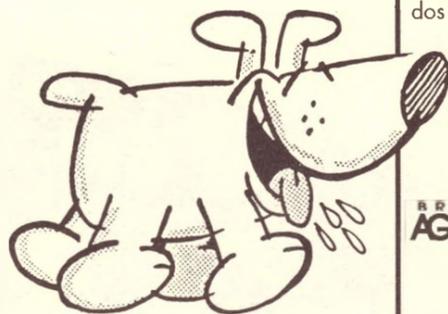
Enquanto a direção tropeça, a base empurra: "quando tudo parecia que ia ruir, os nossos albanólogos continuavam a repetir que o mundo poderia desabar (mas) que a Albânia continuaria intacta", escreve na **Tribuna de Debates** do PC do B um militante de São Paulo, criticando aqueles que passam a idéia de que "a Albânia era o nosso último farol que, ao se apagar, deixou os comunistas batendo a cabeça no escuro".

Como o PC do B não permite tendências internas, ainda é cedo para saber quem vencerá esta disputa. De qualquer modo, o desastroso apoio ao golpe mostrou que ou o PC do B muda, ou se transformará numa seita que pagará por todos os pecados - reais ou imaginários - do comunismo.

Sem nenhum cadáver às costas, o PT realiza o seu 1º Congresso mas ainda não conseguiu empolgar a maior parte de sua mili-

final". Segundo ele, agora é que as discussões começam a fluir, com a inscrição das 13 teses que irão disputar o Congresso, cada uma delas com pelo menos trezentas assinaturas.

De qualquer maneira, o 1º Congresso do PT enfrenta um desafio maior: dialogar com a sociedade. O que é dificultado pelo caráter ainda incipiente das discussões sobre o programa de transformações que o PT propõe para o Brasil - assunto que várias teses sequer abordam.



Mais de 1500 delegados, representando 1630 entidades sindicais e algo em torno de 18 milhões de trabalhadores, participam do 4o. Congresso Nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), iniciado dia 4 de setembro, no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo.

Como os anteriores, este Congresso está sendo marcado por acirradas divergências entre as forças políticas presentes na Central - entre elas os recém-chegados Partido Comunista Brasileiro e Partido Comunista do Brasil -, só que desta vez a "Articulação Sindical" não é mais folgada maioria, como antes.

Isso explica a grande disputa travada em torno do credenciamento, especialmente das delegações de Minas e da Bahia - onde a "Articulação Sindical" é minoria -, que foram "reduzidas" por decisão da executiva nacional da CUT, sob o argumento de irregularidades ocorridas em ambos os Congressos Estaduais. Como a "Articulação Sindical" possui em torno de 50% dos delegados, é claro que esta atitude foi vista como casuísmo pelas demais tendências.

Outro ponto polêmico que divide os delegados diz respeito às relações internacionais da Central. Durval de Carvalho, 1o. tesoureiro da Central e um dos líderes da tendência "CUT pela Base", considera que a questão não está madura, posicionando-se contrário a tomar uma posição agora. Já Delúbio de Castro, tesoureiro da CUT e integrante da "Articulação Sindical", explica que a sua tendência é simpática à filiação da CUT à CIOSL (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres), mas só vai definir uma posição às vésperas do CONCUR. A direção vinha acompanhando com preocupação o desenrolar do Congresso, temendo que o sectarismo termine impedindo o debate das questões efetivamente decisivas para a luta dos trabalhadores.

A CRISE

Nunca a situação das forças armadas brasileiras foi tão ruim. Os militares não têm mais poder político, estão perdendo o poder de suas armas e ganham pouco. A insatisfação com tudo isto é grande e tem se manifestado de diversas maneiras nos últimos tempos. De um protesto de 22 marinheiros no Rio de Janeiro a enfáticas declarações dos ministros militares.

O que mais preocupa os militares, hoje, é a falta de dinheiro. Dinheiro para manter em funcionamento os atuais equipamentos, comprar material bélico mais moderno, desenvolver tecnologia; até para alimentar a tropa. E dinheiro também para pagar melhor aos cerca de 300 mil soldados e oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

Segundo o ministro do Exército, general Carlos Tinoco, "três aspectos principais" vêm atacando o moral de sua Força: o desparelhamento, o "constante questionamento do Exército, de sua necessidade, de seu valor, de sua eficiência" e os "baixos vencimentos". "Boa parte da Marinha está a caminho da obsolescência", reclama o ministro, almirante Mario Cesar Flores. "Muitas vezes deixamos de realizar missões por absoluta falta de condições, quer por falta de aeronaves, quer por falta de verbas para diárias, quer por falta de suprimentos para as aeronaves", lamenta o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Sócrates da Costa Monteiro.

A falta de dinheiro nos cofres das três forças armadas e nos bolsos dos militares tem movimentado os quartéis. Uma consequência é o crescimento do "sindicalismo": reivindicações salariais, ações na justiça em busca de perdas causadas pelos diversos planos econômicos, manifestações de mulheres e pensionistas dos militares. O que, de acordo com alguns comandantes, leva à crescente indisciplina.

Outra consequência é o temor à completa desmoralização das forças armadas e à perda da soberania nacional sobre a Amazônia. A grande maioria dos oficiais, hoje, acredita que está em andamento um plano das grandes potências que integram o chamado "Grupos dos Sete" para internacionalizar a Amazônia.

Todos os ministros militares têm feito alertas sobre isto, oficiais da ativa e da reserva dão declarações e escrevem artigos; enfim, o tema está na ordem-do-dia militar. O ministro Tinoco advertiu, comemorando o Dia do Soldado - 25 de agosto - que o Exército e o povo devem estar preparados para defender as "imensas riquezas inexploradas". O comandante militar da Amazônia, general Antenor Santa Cruz, avisou que a região pode se transformar em um Vietnã. Mas, seu chefe do Estado-Maior, general Thaumaturgo Sotero Vaz, foi mais direto em entrevista à Folha de São Paulo: "Se esses babacas tentarem entrar aqui, nós vamos cair de porrada neles como guerrilheiros".

Os "babacas" são os sete grandes: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Japão, Alemanha, França, Itália e Canadá. Entram, como inimigos principais da soberania brasileira, no lugar da em extinção União Soviética, do "movimento comunista internacional" (O "MCI" dos documentos da caserna) e da esquerda nacional. O que não quer dizer que tenha deixado de existir o anticomunismo que tanto caracteriza as forças armadas brasileiras. Mas, sem dúvida, cresce um forte sentimento nacionalista.

A

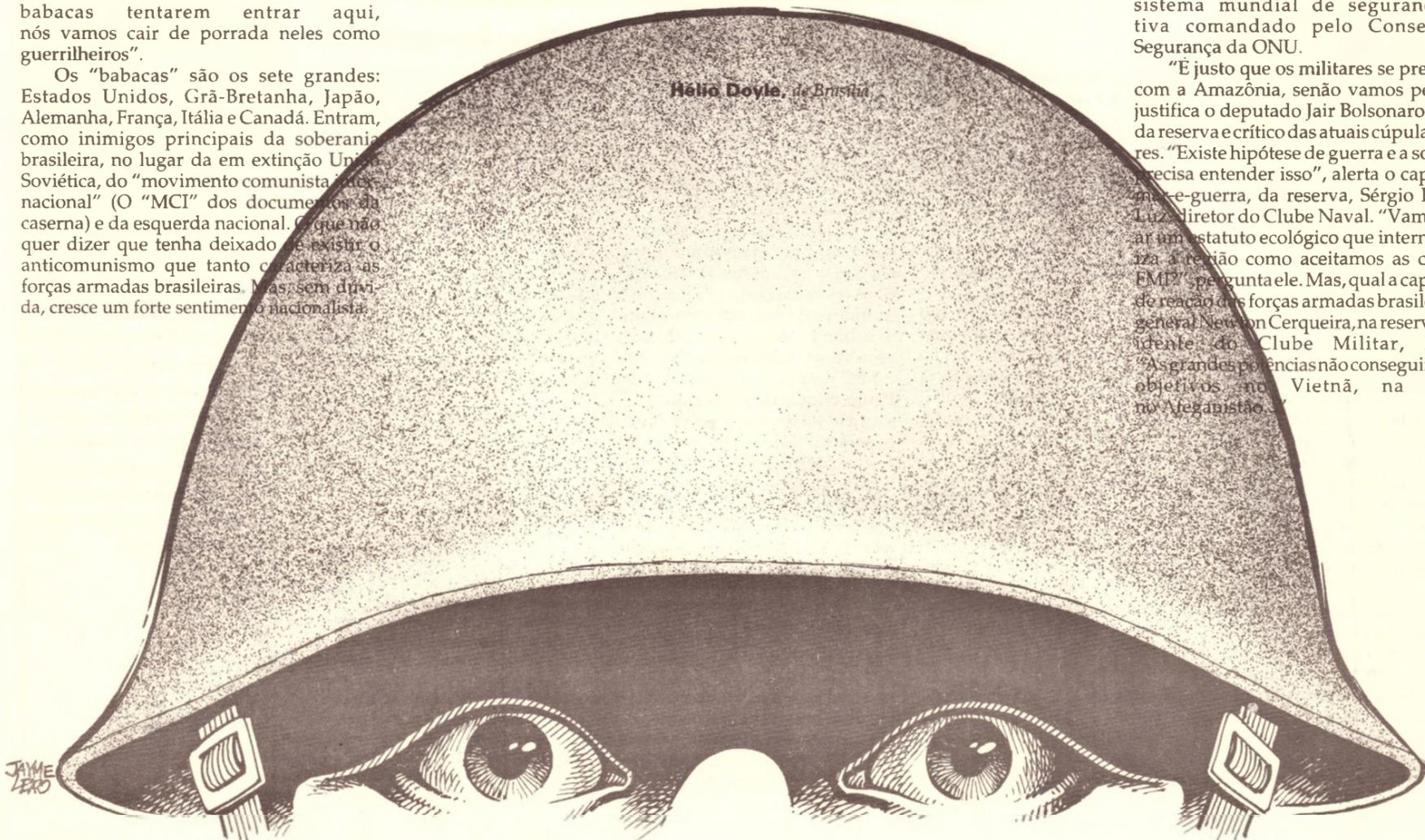
GENTE

SOMOS

INÚTIL?

INSATISFEITOS COM OS SALÁRIOS, SEM INIMIGO VISÍVEL E PERDENDO O PODER, OS MILITARES BRASILEIROS PASSAM POR UMA CRISE DE IDENTIDADE.

Hélio Doyle, de Brasília



JAYME LERO

O INIMIGO

O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, está sem cartaz entre os militares. O chanceler disse na Comissão de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados que não há hipótese de guerra para o Brasil. Não pode haver heresia maior para um militar: eles trabalham permanentemente com as "hipóteses de guerra" (no jargão, HG), parte do conceito estratégico nacional (o CEN).

A afirmação de Rezek pode reforçar, segundo oficiais, a idéia de que as forças armadas são desnecessárias. Outra vertente deste raciocínio, que os militares consideram igualmente perigosa, é a de que as forças armadas brasileiras jamais terão condições de enfrentar um inimigo como os Estados Unidos. Vide o Iraque.

Estas teses, preocupam-se os militares, funcionam como base teórica para justificar a destinação de poucos recursos às forças armadas ou até mesmo sua extinção. Com isso, dizem eles, quem perde é a soberania nacional, pois o país fica vulnerável aos interesses de outras nações.

"O interesse internacional crescente sobre a Amazônia é um fato concreto, com o qual devemos nos preocupar, particularmente quando tratamos de assuntos que dizem respeito à nossa soberania", disse o ministro do Exército aos deputados da Comissão de Defesa Nacional. Na mesma comissão, o ministro da Aeronáutica declarou estar alerta "em relação a outras nações, poderosas, que estão com seus interesses econômicos voltados para aquela região, a pretexto da causa ecológica, visando uma 'internacionalização' daquela área, numa demonstração clara de intervencionismo de outras épocas, o que, absolutamente, não nos interessa".

O ministro da Marinha lembrou, na comissão, que no "rol das preocupações transnacionais" foram listados alguns temas novos, como a interdependência econômica, a preservação ambiental e dos recursos naturais e o controle das drogas. "Tudo isso", completou, "vem induzindo uma gradativa diluição da idéia de soberania nacional, nela embutido o que vem sendo ventilado na imprensa como uma 'nova ordem internacional', obviamente controlada pelos poderosos".

"Não devemos defender estratégias alienígenas", disse, aos mesmos parlamentares, o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Antonio Luiz Rocha Veneu. "Se os Estados Unidos estiverem do nosso lado, ótimo; se estiverem contra, estaremos contra eles", declarou Veneu.

Os militares citam sempre uma proposta feita por Robert MacNamara, ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos: a extinção das forças armadas nos países do Terceiro Mundo e sua substituição por um sistema mundial de segurança coletiva comandado pelo Conselho de Segurança da ONU.

"É justo que os militares se preocupem com a Amazônia, senão vamos perdê-la", justifica o deputado Jair Bolsonaro, capitão da reserva e crítico das atuais cúpulas militares. "Existe hipótese de guerra e a sociedade precisa entender isso", alerta o capitão-de-reserva e-guerra, da reserva, Sérgio Porto da Luz, diretor do Clube Naval. "Vamos aceitar um estatuto ecológico que internacionaliza a região como aceitamos as cartas ao FMI?", pergunta ele. Mas, qual a capacidade de reação das forças armadas brasileiras? O general Newton Cerqueira, na reserva e presidente do Clube Militar, lembra: "As grandes potências não conseguiram seus objetivos no Vietnã, na Coreia, no Afeganistão...".

OS SALÁRIOS

A falta de equipamentos modernos e a ociosidade nos quartéis minam o moral dos militares brasileiros. Pior, porém, são os salários baixos. "No momento, o que nos afeta mais é o problema salarial", reconhece o presidente do Clube Militar, general Newton Cerqueira. "O clima de insatisfação é muito grande", completa o deputado Jair Bolsonaro. Essa insatisfação preocupa os oficiais mais graduados, especialmente os generais, almirantes e brigadeiros, que não escondem isso.

O ex-ministro da Marinha, Henrique Sabóia, admitiu que os baixos salários provocam "perturbações" nos quartéis. Ele disse isso poucos dias depois que 22 marinheiros foram presos, no Rio, por atos de indisciplina ao protestarem contra o não pagamento de um abono que esperavam, de nove mil cruzeiros.

Os atuais ministros militares não fogem do assunto. Na Câmara, o ministro do Exército disse que os vencimentos "não permitem, ao militar profissional, manter um padrão de vida adequado ao nível social que lhe é exigido pela própria profissão". O chefe do EMFA reclamou que a maior parte de seu tempo é tomada por assuntos ligados à remuneração e à alimentação dos militares.

O que mais irrita os militares é a diferença entre seus salários e os pagos no Legislativo e no Executivo. "Nosso problema é ver que estamos ganhando pouco, enquanto outros estão ganhando muito", reclamou o ex-ministro Sabóia. "São as flagrantes discrepâncias de remuneração que mais incomodam" disse o ministro Tinoco. Ele aceita o "sacrifício de toda a sociedade" diante da situação econômica difícil, mas faz a ressalva: "Este sacrifício deve ser de todos, não devendo haver setores privilegiados, pois isso, além de gerar descontentamentos, dificulta a união de toda a sociedade em torno do objetivo comum que é o de ultrapassar a fase adversa".

O ministro da Marinha segue a mesma linha: "Só haverá convivência tranquila com o sacrifício necessário, quando prevalecer o entendimento de que não é salutar admitir-se que um oficial piloto de caça ou um engenheiro senior do Arsenal da Marinha sejam retribuídos na ordem de grandeza dos funcionários de apoio médio do Congresso e dos Tribunais Superiores". Flores reclama que um general em fim de carreira ganhe menos que um funcionário dos poderes Judiciário e Legislativo, um delegado da Polícia Federal, um auditor fiscal ou um oficial de Polícia Militar de alguns Estados que "rolam" suas dívidas com a União.

"O problema é que os ministros usam dois bonés", pondera o presidente do Clube Naval, almirante Wandir Siqueira. "O ministro é governo e é condutor superior da instituição e às vezes as duas posições são antagônicas". Foi para agradar ao "público interno" que os ministros militares reagiram quando o Congresso aprovou um reajuste de 64,5% para os parlamentares e funcionários da Câmara e do Senado, superior ao que tiveram os militares (média estimada em 45%).

"O ministro do Exército nos últimos três meses tem tentado jogar a tropa contra o Congresso", acusa o deputado Bolsonaro. "Por que eles não atacam o

Marcos Coimbra (diplomata, secretário-geral da Presidência da República) que conseguiu reajustes de 120% para os diplomatas?". Para Bolsonaro, a instituição militar perde no dia-a-dia com os baixos salários. "Antes, quando um capitão como eu pegava um soldado vendendo um relógio, dava uma punição. Hoje, o oficial compra o relógio do soldado e o vende ao sargento".

Contam-se muitos casos para mostrar a desagregação disciplinar causada pelos baixos salários. O militar tem obrigação de se dedicar exclusivamente às suas atividades, mas hoje é comum que cabos e sargentos trabalhem "por fora", muitos deles como motoristas de táxi. No Rio, descobriu-se que um capitão era motorista. Muitos oficiais manifestam preocupação com o nível de "proletarização" da tropa, que pode torná-la, como disse um oficial da reserva, "permeável às doutrinas que as forças armadas sempre combateram".

"Os baixos soldos são uma consequência da falta de recursos para as forças armadas", analisa o comandante Sérgio Porto da Luz "Combater as consequências, sem entrar nas causas, não é solução", diz Newton Cerqueira. Para ele, os clubes de oficiais, como o Clube Militar, "são válvulas de escape da angústia e do pesadelo em que se constitui hoje a luta pela dignidade e sobrevivência da família militar". "Há a busca ordeira, ainda, de uma liderança para sairmos dessa situação", adverte o comandante Dalmo Honaiser, da reserva da Marinha.

O presidente do Clube Naval concorda com a proibição de que os militares se sindicalizem ou façam greve, mas lembra que o militar "não é um cidadão de segunda classe, tem de ter alguém que fale por ele". Bolsonaro também não quer militares fazendo greve - "não tem sentido fazer greve de baioneta na mão" - mas é a favor da sindicalização. "A tropa está se sentindo abandonada, pois não vê esperança de ter o problema salarial resolvido", adverte.



AS ARMAS

U m sujeito forte quer bater em um mais fraco. Ele sabe que não terá qualquer dificuldade, vai lá e bate. Mas, se o forte sabe que o fraco tem um canivete afiado, pensará duas vezes. Ele sabe que vai bater no fraco, mas poderá sair todo cortado, direto para o hospital - e isso talvez faça com que desista de bater no mais fraco. O custo seria muito alto.

É com este exemplo que o comandante Sérgio Porto da Luz explica sua tese de que o Brasil tem de ter o canivete para dissuadir nações mais fortes de agredí-lo. Desarmado, o Brasil será facilmente agredido e dominado. Com o canivete, levará os possíveis agressores a pensarem nos altos custos, em vidas e recursos financeiros, e desistirem.

O canivete da Marinha, segundo Luz, é o submarino de propulsão nuclear, que o Brasil só poderá ter no início do próximo século. É um projeto de alto investimento tecnológico e financeiro. O canivete do Exército é a capacidade de mobilizar o povo - a "vontade nacional" - e levar a luta guerrilheira à selva. São fundamentais os soldados treinados para lutar na selva e os paraquedistas. O canivete da Aeronáutica é a tecnologia de guerra eletrônica, praticamente inexistente no Brasil, para impedir o uso eficaz de bombas "inteligentes".

Um coronel da Força Aérea Brasileira, também na reserva, concorda mas ressalva: "Só que agora é tarde para termos o canivete". As dificuldades econômicas do país não permitem altos investimentos, especialmente os necessários para projetos mais sofisticados, e os países desenvolvidos criam cada vez mais barreiras para o acesso à tecnologia. "Nenhum país pode ter a pretensão de desejar o potencial militar da maior potência de nosso planeta, mas temos de ter condições mínimas de defender nosso país", argumenta o general Newton Cerqueira.

"O enfraquecimento do nosso poder militar preocupa-nos sobremaneira, particularmente se

considerarmos a defasagem tecnológica em que nos encontramos", confessa o ministro do Exército. Segundo ele, o Exército brasileiro é um dos menos dispendiosos do mundo, considerando a extensão territorial, a população e a "posição ocupada pelo Brasil entre as demais nações". O efetivo de aproximadamente 200 mil homens representa pouco mais de 0,1% da população, de acordo com Tinoco.

A participação das forças armadas no Orçamento da União vem se reduzindo desde 1971, quando chegou a 23%. Em 1990, foi de 2,2%, subindo para 3,71% em 1991. Em 1990, a participação das forças armadas no orçamento dos Estados Unidos foi de 28,7%. No Chile, de 9,4%. Na Argentina, de 7,4%. A participação das forças armadas brasileiras no produto interno bruto é de 0,4%, igual à do México - uma das mais baixas no mundo.

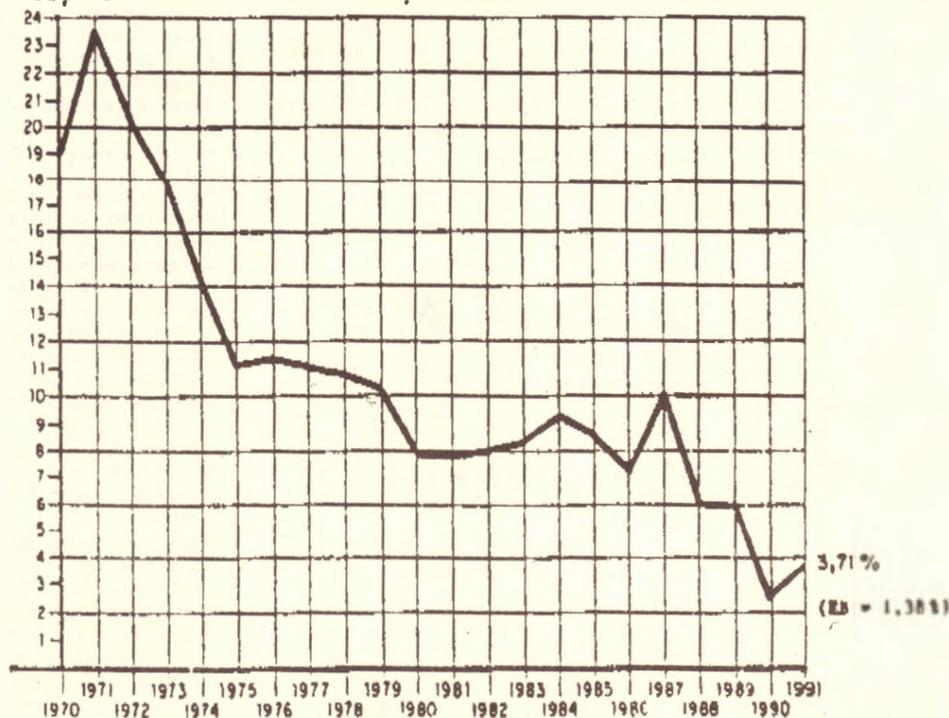
O ministro do Exército reclama que grande parte do equipamento de que dispõe hoje foi comprado em 1971 e está obsoleto e desgastado. "Não seria lógico almejar uma força terrestre a nível de Primeiro Mundo", reconhece. "Entretanto, há de se considerar que, caso continuemos com o atual percentual de participação no orçamento, o hiato tecnológico, a deterioração do patrimônio e a obsolescência do material tornar-se-ão progressivos e mais acentuados". O Exército, por exemplo, não tem dinheiro para comprar o carro de combate Osório, fabricado no Brasil - ainda usa o M41, da guerra da Coreia.

O ministro da Marinha também reclama: a falta de recursos "acabarà por aproximar nossas forças da condição de forças policiais de ordem e segurança internas, como aparentam desejar as grandes potências, e acabarà por reduzir perigosamente o desempenho militar na prestação de serviços subsidiários indispensáveis à sociedade brasileira". Flores reconhece a "imensa prioridade do social e do econômico" e a ausência de "ameaça bélica sensível", mas propõe uma participação de cerca de 8% das forças armadas no Orçamento da União. Alguns assessores do ministro do Exército falam em 5,5%.

Em exposição na Câmara, o chefe da EMFA queixou-se da "crônica" insuficiência de recursos materiais, econômicos e financeiros e reclamou dos deputados: "Muitas vezes o Executivo coloca recursos nas mãos das forças armadas e eles são cortados aqui". O ministro da Aeronáutica conforma-se em "revitalizar" seus aviões, não pretendendo, a curto prazo, comprar novos equipamentos. Mas mesmo para isto falta dinheiro: "E fazem-se necessários, desde já, planejamentos a médio e longo prazo, sob pena de atingirmos uma defasagem operacional e tecnológica tão grande que irá se tornar muito difícil uma recuperação", avisa.

Algumas consequências da falta de recursos são vistas no dia-a-dia dos quartéis: meio expediente, para reduzir as despesas com alimentação; redução dos treinamentos com carros blindados e horas de voo, para economizar combustível; carência de equipamentos e materiais. "O militar fica sem ter o que fazer", protesta o deputado Bolsonaro. "Os soldados limitam-se à ordem unida, serviço e faxina".

PARTICIPAÇÃO DAS FF AA NO ORÇAMENTO DA UNIÃO DE 1970 - 1990



Este quadro é bastante significativo, pois considerando a extensão territorial, a população e a posição ocupada pelo Brasil entre as demais nações, o nosso exército um dos menos dispendiosos do mundo. Em realidade, ele fica a quem de nossas necessidades, pois não está convenientemente dimensionado em relação aos nossos oito e meio milhões de km² de superfície com nove mil e seiscentos km de fronteira terrestre e aos nossos mais de cento e cinquenta milhões de habitantes.

"Transparência" mostrada pelo ministro do exército durante depoimento na Comissão de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados

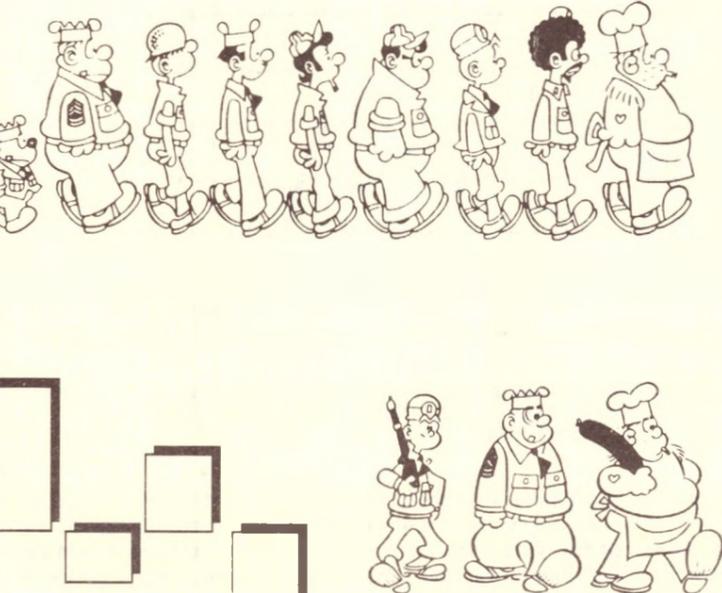
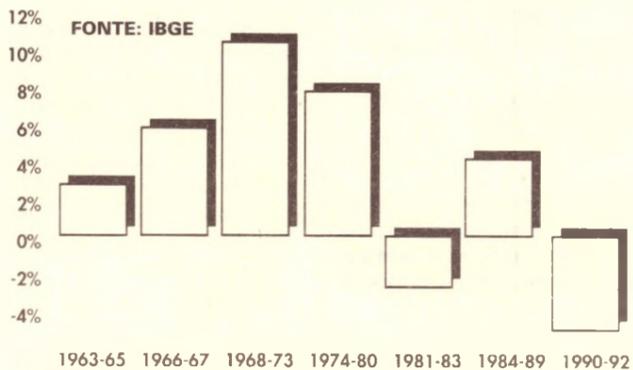


NÃO HÁ PÃO Mas tem gente se preparando para comer os bróchoes. Na falta de renda entre imensa maioria que gostaria de comprar seu primeiro telefone, os grandes grupos financeiros engalfinham-se na disputa pelo rico mercado onde estão os que já têm vários telefones e precisam da última novidade, o telefone celular móvel, cujo mercado, só em São Paulo, é de 1 bilhão de dólares. Para obter a concessão do serviço, concorrem: um grupo formado por Roberto Marinho, associado à NEC japonesa, ao grupo Monteiro Aranha, à Camargo Correia e ao Bradesco; noutro, Mathias Machline, da Sharp, e a AT&T; num terceiro, a Andrade Gutierrez, com a OAS - empreiteira do grupo Antônio Carlos Magalhães e outros. Briga de gigantes, como se vê.

EOVERNIGHT? Vai bem, obrigado. A despeito da mudança nos prazos de operação e do nome, as receitas financeiras das empresas - os chamados ganhos na ciranda de aplicações de curto prazo, desapareceram no primeiro ano Collor, tornando-se a principal receita de uma amostragem de empresas selecionadas, segundo pesquisa recente.

Se os salários estão ligados à inflação, como é óbvio, não se deve ver nos salários baixos, no entanto, a causa das acelerações inflacionárias. Porque os salários estão em queda; os salários mais baixos caem muito mais; e a fatia dos salários na renda nacional é cada vez menor.

Entender - pior ainda, alterar conscientemente - o ciclo de altos e baixos da economia capitalista não é tarefa fácil para ninguém. O plano estratégico do governo Collor era: comandar uma recessão econômica profunda e rápida, logo de início; ter um crescimento médio, logo em seguida; e, por fim, um desenvolvimento tipo milagre econômico dos anos 68-73 - 11% ao ano em média -; no final de governo, para ganhar eleições, eleger um Collor Segundo. A cada nova crise, esse sonho fica mais modesto. A recessão pode se estender a 92; o milagre, nem pensar; e um crescimento médio, tipo 5% ao ano, é a esperança para 93-94.



O LÍDER

O deputado Jair Bolsonaro considera-se um porta-voz dos militares impedidos de falar e reclamar. "O militar pode ser punido, discriminado", explica.

Mas, ele mesmo chama atenção para os limites de sua representatividade: "Militares é muito amplo, vai dos generais à tropa e entre os militares, carreiristas ou não, sou aceito como porta-voz. Mas estes são uma minoria que não reclama em troca de mordomias futuras, como um posto de adido no exterior".

Bolsonaro, 36 anos, foi eleito deputado federal pelo Partido Democrata Cristão, no Rio de Janeiro, com 67 mil votos, dos quais 49 mil na capital. Em 1988, foi eleito vereador da capital com 11 mil votos, logo depois de ter se envolvido em um caso rumoroso. A revista *Veja* denunciou que o capitão Bolsonaro e outros militares planejavam colocar bombas em quartéis, para protestar contra os baixos salários. O então ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, pediu a expulsão de Bolsonaro do Exército, mas o Superior Tribunal Militar o absolveu.

A eleição para vereador interrompeu 17 anos de caserna, mas Bolsonaro ainda se sente mais soldado do que deputado. Ainda pouco à vontade no Congresso, faz pequenos pronunciamentos às segundas e sextas-feiras, quando há menos inscritos para falar e pouca gente no plenário. Mantém um informativo - uma folha ofício dobrada - que envia de 40 em 40 dias para 20 mil militares da ativa e da reserva, prestando contas de sua atuação e criticando a oficialidade que está nas cúpulas das forças. Em seu gabinete, senta-se à frente de uma bandeira nacional e de um escudo da brigada paraquedista, à qual pertence.

"A instituição está sendo desgastada por gente do Ministério do Exército", ataca, referindo-se às críticas ao Congresso Nacional. É a teoria do cachorro magro, explica: deixa-se o animal mal alimentado para que ele ataque melhor. A caça é o Congresso, desprestigiado para justificar o "insucesso do governo Collor".

Bolsonaro sente-se impotente porque a proposição de leis sobre o funcionalismo público civil e militar é de iniciativa do Executivo. "Eles não mandam para cá um novo Estatuto dos Militares e um

novo Regimento Disciplinar, que estão defasados, porque têm medo do debate que será aberto", acusa. Assessores do ministro do Exército, porém, asseguram que o presidente da República está prestes a enviar um projeto do Estatuto ao Congresso, assim como uma lei de remunerações.

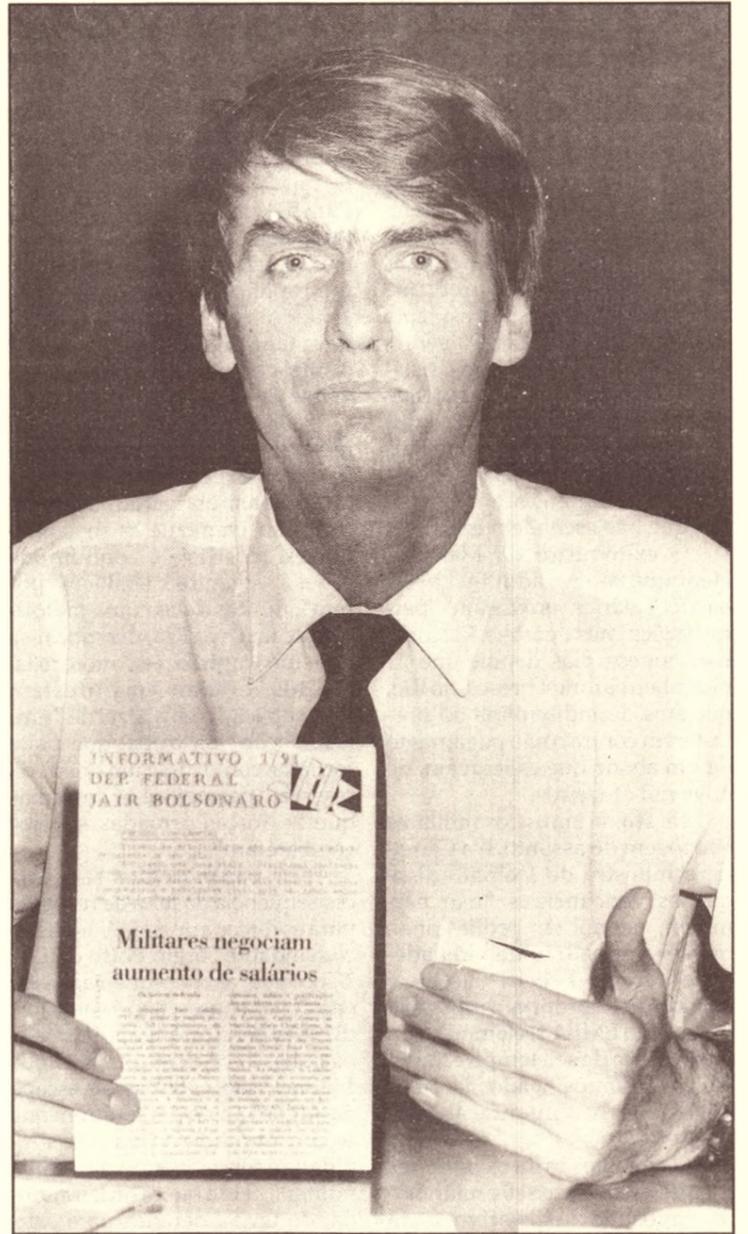
O deputado não aceita especialmente o artigo do Estatuto dos Militares que proíbe o militar de recorrer à Justiça sem esgotar todas as instâncias administrativas e sem comunicação prévia ao superior. E hoje, é grande o número dos que recorrem ao Judiciário para repor perdas salariais. "Indisciplinada é a autoridade que proíbe um militar de recorrer à Justiça e assim viola a Constituição que assegura este direito ao cidadão", protesta. Segundo ele, o "desespero de não ter a quem recorrer é que é o fator gerador de indisciplina nos quartéis".

Na última semana de agosto, Bolsonaro reuniu-se com os presidentes do Clube Militar e do Clube Naval para acertar uma articulação de suas lutas. "Recorrer à Justiça é prova de disciplina e acatamento às leis do país", disse, depois da reunião, o general Newton Cerqueira. "Não temos sindicatos nem greve, temos de ter válvulas de escape", declarou o almirante Wandir Siqueira.

Bolsonaro promoveu uma reunião de Cerqueira e Wandir com sete deputados, na sala da Comissão de Defesa Nacional. O presidente da comissão, deputado Maurício Campos, não queria ceder a sala e só concordou depois de um pesado bate-boca com Bolsonaro. Durante a reunião, Campos recebeu dois telefonemas reclamando da utilização da sala da comissão: dos ministros Carlos Tinoco e Mário Cesar Flores.

Graças ao deputado José Genoíno, líder do PT, que abriu mão do posto, Bolsonaro é um dos vice-presidentes da comissão. "Me dou muito bem com o PT porque não vejo este partido negociando com o Governo", explica. Além disso, segundo ele as restrições ideológicas estão diminuindo nos quartéis: "Hoje em dia o pessoal vê mais a pessoa, as qualidades de cada um".

Bolsonaro acha importante seu trabalho como porta-voz dos militares - ou de uma parcela dos militares. "A Artilharia amacia o terreno; a Infantaria vem atrás. Nós estamos fazendo o trabalho de artilharia".



CAPITÃO-DEPUTADO JAIR BOLSONARO: "A ARTILHARIA AMACIA O TERRENO; A INFANTARIA VEM ATRÁS. NÓS ESTAMOS FAZENDO O TRABALHO DE ARTILHARIA".

LETRAS OMBRO A OMBRO

C"onspiração contra as Forças Armadas". "Militares recorrem à Justiça por reposição". Essas são algumas das manchetes - impensáveis em passado recente - dos dois principais órgãos da imprensa militar de circulação nacional existentes no país: os tablóides cariocas *Letras em Marcha* e *Ombro a Ombro*, tiragem média de 12 mil exemplares e circulação dirigida. Fundado há vinte anos e editado pelo coronel da reserva Joaquim Victorino Portela, *Letras em Marcha* tem entre seus colaboradores não só altas patentes das Forças Armadas, mas também civis como o ex-ministro da Justiça Armando Falcão.

Seu prestígio, porém, não foi suficiente para evitar que, no início do ano, tivesse sua circulação proibida nas unidades do Comando Militar do Sul, devido a um editorial que criticava a ausência do presidente Collor nas comemorações, em novembro passado, "da vitória da democracia sobre a Intentona Comunista". "A censura permanece, mas o jornal continua circulando naquele comando", assegura o coronel Portela.

Com uma linha editorial mais "soft", *Ombro a Ombro* também "não foge à luta". Seu diretor, o coronel da reserva Pedro Chirmer - ex-diretor do *Letras em Marcha*, que saiu para criar seu próprio jornal - diverge um pouco da linha do concorrente. Na questão da guerra do Golfo, enquanto *Letras em Marcha* apoiava sem vacilar a intervenção militar norte-americana, o editorial do *Ombro a Ombro* de janeiro passado dizia-se estarecido por assistir "a solução de um conflito pela força das armas em pleno limiar do terceiro milênio".

Suas letras marcham ombro a ombro sobre questões como o Projeto Calha Norte - a materialização da frase do general Rodrigo Otávio: integrar para não entregar - , o Programa Nuclear - "os militares não querem brincar de fazer bomba, mas acham que o país precisa dominar essa tecnologia" - e sobre o suposto processo de desmoralização das Forças Armadas: "Isso só interessa aos inimigos do Brasil. O inimigo está tanto fora quanto dentro. No campo externo, isso interessa à "pax americana", à nova ordem mundial, e internamente o inimigo está no próprio governo, principalmente na gestão da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello", denuncia o coronel Schirmer.

Regra geral, são mais diretos quando falam da questão salarial: "A desigualdade é muito grande entre o Executivo e os poderes Legislativo e Judiciário", reclama o coronel Portela. O coronel Macedo, colaborador do *Letras em Marcha*, engrossa o rosário de lamentações: "Entre 1977 e 1989, quando eu era tenente-coronel, ganhava 3.500 dólares e hoje, aposentado com soldo de general de brigada, recebo menos de mil dólares.

Se as posições desses oficiais e as manchetes de seus jornais refletem o clima existente nos círculos militares, só o tempo dirá. O certo é que, no essencial, eles se entendem, inclusive em relação a temas delicados como rebelião ou golpe: "Ando pelos quartéis e, por enquanto, não vejo nenhuma possibilidade de rebelião", afirma o coronel Portela. O coronel Macedo confirma, mas adverte que "em clima de insatisfação tudo é possível". Já o coronel Schirmer, mesmo sem ver possibilidade de golpe no momento, diz que "o futuro é imprevisível".

FLÁVIO LOUREIRO

DEMISSÕES

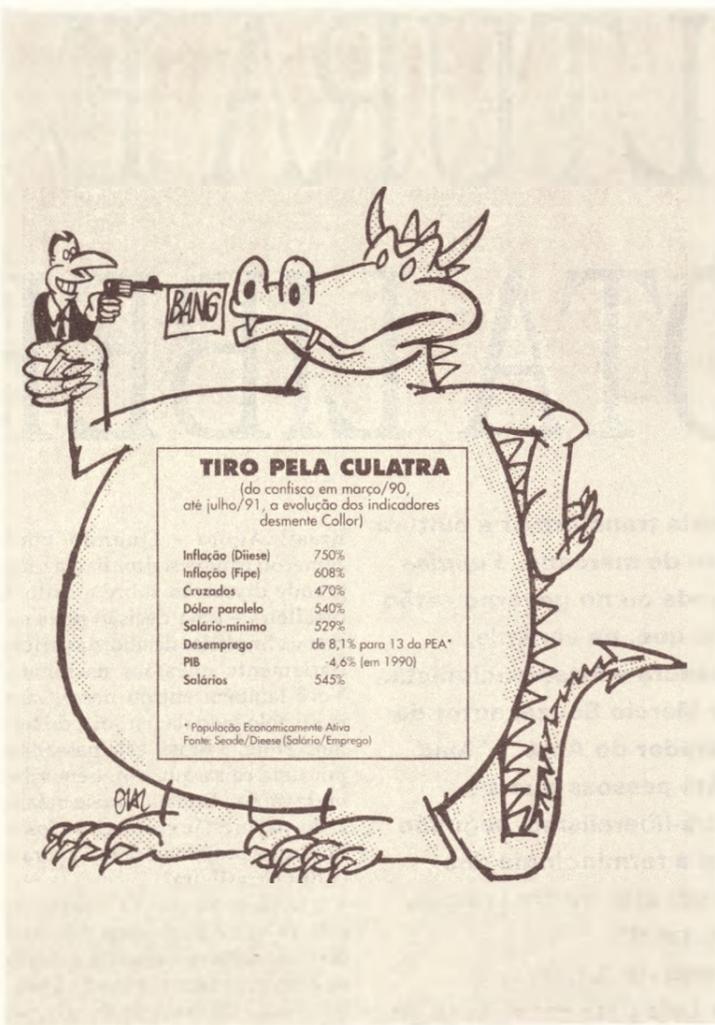
"Esperamos que não haja demissões no setor privado. Os empresários sabem que o plano visa reduzir a inflação a zero e a estabilizar a economia. Portanto, o governo não receberá bem as demissões. Se elas ocorrerem, tomaremos as medidas cabíveis"

FERNANDO COLLOR DE MELLO, 19/03/90, REDE GLOBO

INFLAÇÃO

Tenho absoluta certeza que em pouquíssimo tempo a inflação estará menor que 10% e poderemos reequilibrar o sistema econômico."

ZÉLIA CARDOSO DE MELLO, FOLHA DE S. PAULO, 17/03/90



MEXERAM EM VÃO COM A VIDA DO BRASILEIRO

Retomada da inflação converteu a recente liberação dos cruzados bloqueados em março de 1990 num chocho fim de festa. Todo mundo se deu conta de que foi co-baia de uma experiência frustrada, que pretendia, segundo a promessa do presidente Collor, "liquidar a inflação com um único tiro".

Passados pouco mais de 17 meses, o confisco de 85 bilhões de dólares jogou o PIB 4,6% para baixo, tomou metade do poder aquisitivo dos salários e lançou ao desemprego, só na Grande São Paulo, 1,130 milhão de trabalhadores, bem mais que os 653 mil desempregados antes do Plano Collor. E a mesma inflação que iria desaparecer chegou a 20% em janeiro, quando o governo baixou outro pacote, e agora, quase fora de controle, antecipa um novo choque (ver o quadro nesta página).

Além do arrocho, da recessão e do desemprego, a pilhagem dos cruzados passou, literalmente, a mão no bolso dos poupadores - assalariados na grande maioria. Os cruzados retidos renderam pouco mais de 470% entre março de 1990 e julho de 1991, ao passo

que a inflação avançou 608% ou 750%, dependendo da pesquisa (ver o gráfico). Isso significa que o governo lesou os poupadores com um adicional de 20% sobre o transtorno do confisco - sem contar os 84,32% referentes à inflação de março/90, expurgados dos índices oficiais.

O risco de hiperinflação, que ameaçava a estabilidade da economia no final do governo Sarney, foi a senha para o confisco. Era preciso romper o "circuito vicioso" das aplicações financeiras com liquidez imediata, que pressionavam o governo, forçando-o a vender mais títulos e oferecendo taxas cada vez mais elevadas. Daí ser necessário aprisionar a massa de dinheiro que circulava no mercado.

O déficit fiscal do Tesouro realmente desapareceu nos primeiros meses, mas as estimativas indicam que, já em 1992, o saldo mensal do caixa do Tesouro voltará a ser negativo.

Por que o bloqueio fracassou? "Ele partiu de um diagnóstico errado da crise brasileira e da possibilidade de resolvê-la", afirma Carlos Eduardo Carvalho, economista e coordenador do Plano de Ação de Governo da Frente Brasil Popular nas eleições presidenciais de 1990. A seu ver, os

problemas fiscais e financeiros eram manifestação da própria estagnação da economia. "Uma crise produtiva, de falta de perspectivas do capitalismo brasileiro", assinala.

A idéia do confisco chegou a rondar a campanha de Lula, sugerida pelos economistas Antônio Kandir e Eduardo Teixeira - dois futuros integrantes da equipe da ministra Zélia, que já traziam em mãos um esboço do calote.

Igualmente partidários de um confisco, mas por prazo bem superior a 18 meses, foram os economistas Luiz Gonzaga Belluzo e Júlio Sérgio Gomes de Almeida, ambos servindo hoje ao governo Fleury em São Paulo.

Almeida, vice-presidente de Investimentos do Banespa, acha que o confisco resolveu o problema da hiperinflação, mas não da crise econômica brasileira. Vê, porém, dois erros na fórmula adotada. Primeiro, a forma indiscriminada como foi feito, "pegando as pessoas erradas"; depois, pela liberação equivocada. "O governo deveria ter condicionado toda liberação de recursos de pessoas jurídicas a investimentos produtivos", diz Almeida.

Carvalho, ao contrário, sustenta que o confisco adiou, mas necessariamente não resolveu os problemas da hiperinflação. "A economia continua muito instável. Qualquer movimento de retomada do crescimento, por menor que seja, é imediatamente acompanhado de uma aceleração dos preços e da inflação", observa ele, lembrando que em janeiro passado a inflação voltou aos 20% e só baixou porque o governo congelou, novamente, preços e salários.

Com os índices na mão, Carvalho acredita que o sacrifício foi em vão. "O governo mexeu profundamente com a vida das pessoas, mas o que precisa ser alterado permanece intocável", diz. "O país

não cresce, a inflação está novamente em alta, os salários em baixa e a recessão está aí", pondera ele.

Segundo o seu diagnóstico, qualquer que fosse o gerenciamento do bloqueio dos cruzados, ele não iria funcionar. "Não existe capacidade do setor público para orientar o crescimento econômico e os setores capitalistas não sabem o que fazer com eles mesmos", afirma Carvalho.

Almeida, do PMDB, concorda que o Estado precisa decidir o que vai fazer. "O governo controlou o caminhão que estava descendo a ladeira, mas não consertou o freio", ironiza.

Nem todos, contudo, perderam. Os oligopólios, por exemplo, foram afetados apenas num primeiro momento. Depois, as "torneirinhas" de Zélia (liberações para pagamento de impostos e transferências de titularidade para saldar dívidas anteriores ao plano) permitiram às empresas safar-se do bloqueio, lembra Josmar Nunes de Souza, economista do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese).

Soluções alternativas? Carvalho entende que a saída para a crise brasileira passa por uma profunda reforma fiscal. "É necessário aumentar a arrecadação e, para isso, os ricos precisam concordar em pagar ou, talvez, serem obrigados a fazê-lo. Sem isso, a fragilidade do governo permanece", argumenta ele.

CONFISCO

"Nesse conjunto de medidas não há nenhuma penalização aos 60 milhões de brasileiros que ganham menos do que cinco salários mínimos. Não há nenhuma penalização à classe média e não há nenhuma penalização à classe trabalhadora."

ZÉLIA CARDOSO DE MELLO, FOLHA DE S. PAULO, 17/03/90



CHICO CARUSO EM O GLOBO: PRESIDÊNCIA

ROSANE COLLOR deve depor ou não pelos desmandos da LBA? Com certeza Collor é responsável pelo escândalo da Legião em Alagoas: usou a entidade para derrotar seu adversário local nas eleições do ano passado. Mas, a história pessoal de Rosane, suas tradições familiares, não recomendam tratá-la como uma frágil mulher abandonada. A despeito das lágrimas.

Collor correndo contra o relógio

O plano Collor foi considerado por muitos como uma combinação harmoniosa e brilhante de medidas de curto e longo prazo: uma vitória conjuntural precisa - a derrubada da inflação sem congelamento de preços - daria o tempo necessário para reformar as estruturas do país, derrubando o intervencionismo estatal e abrindo fronteiras. O Collor 2 já foi um remendo: o congelamento de preços foi admitido provisoriamente, para ganhar tempo: no Projeto, a seguir, viriam as reformas esperadas e não feitas ainda. Já o emendão de hoje é uma jogada desesperada: medidas estruturais foram apresentadas como se tivessem de ser aprovadas a toque-de-caixa. No fundo, tudo que o governo pode efetivamente fazer é tomar medidas imediatistas, para ganhar tempo. Ele sabe que o tempo não pára. Quer apenas que ele ande mais lentamente.

CHOQUE À VISTA

ministério da Economia, Marcílio Marques Moreira, contrário a um novo choque, está de partida. Até que Collor ache alguém para seu lugar, ele vai facilitando a vida do substituto, ao liberar produtos tabelados, elevar preços administrados (como os 21,66% dos cigarros), iniciando, ao mesmo tempo, o reajuste real das tarifas públicas.

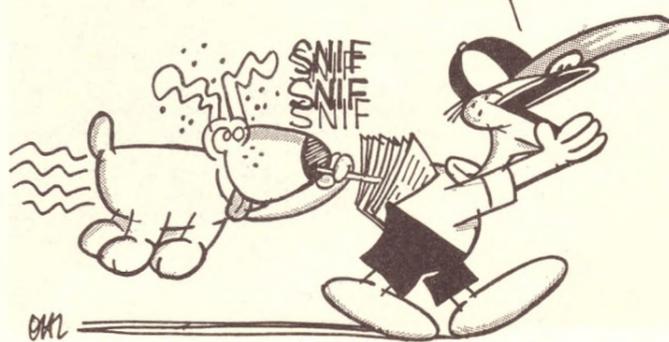
Antes de congelar tudo de novo, o governo aumenta substancialmente as tarifas de energia, telefonia, transportes e correios, bem como os preços de combustíveis e aços.

Pretende, assim, recuperar as empresas estatais, cuja crise decorre, em grande parte, dos preços subsidiados que cobram do setor privado.

Prevê-se, ainda, como novidade do próximo choque, uma maxi-desvalorização do cruzeiro, de 15 a 20%, para estimular as exportações em queda. Por último, as autoridades financeiras querem manter os juros elevados, para estimular aplicações e reprimir o consumo.

Como se vê, tem tudo para não dar certo novamente...

EEEXTRA DEPUTADOS NEGAM QUALQUER ENVOLVIMENTO COM O NARCOTRÁFICO...

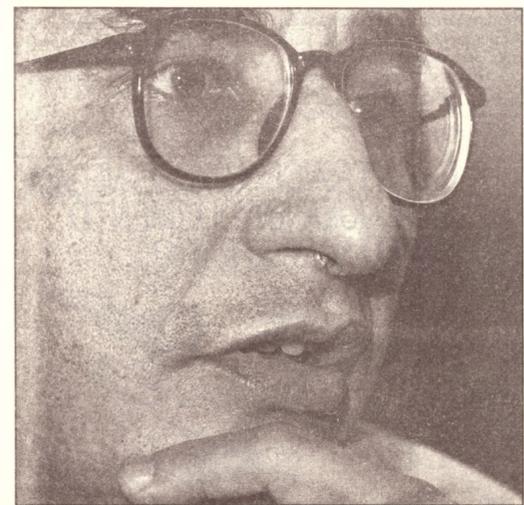


A CULTURA É A LOROTA LIBERAL

Uma proposta ultra-liberal tenta transformar a cultura no Brasil num mero segmento de mercado. *Yuppies* pendurados na iniciativa privada ou no governo estão na vanguarda dessa tendência que, na verdade, tirando a máscara, é conservadora e intervencionista. Isto é o que afirma o escritor Márcio Souza, autor de sucessos como "Galvez, Imperador do Acre", "Mad Maria" e "A Condição". Até pessoas que se consideram críticas desse ultra-liberalismo, segundo Márcio, acabam incorporando a terminologia dos *yuppies*, que não falam mais em arte ou em criação, mas apenas em "produção cultural".

Fundador do PT, quando morava no Amazonas, participante da campanha de Lula para presidente da República, Márcio Souza é atualmente diretor do Departamento Nacional do Livro, que substituiu, dentro da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, o Instituto Nacional do Livro, fechado pelo desastroso Ipojuca Pontes em sua rápida passagem pela Secretaria da Cultura do governo Collor. Márcio diz que a aceitação do cargo não lhe trouxe nenhuma manifestação contrária por parte de petistas: "Nem teria cabimento. Se fosse um Ministério, talvez..." Ele tenta pôr em prática um projeto para levar um maior número de brasileiros a ler livros, "inclusive na universidade, onde nem os professores lêem mais". A seguir, os principais trechos da entrevista exclusiva de Márcio Souza ao **AGORA**

MOUZAR BENEDITO E FLÁVIO LOUREIRO



Brasil Agora - Quando você começou como escritor havia uma grande discussão sobre a cultura brasileira e uma decisão mais ou menos implícita de abordar prioritariamente questões nacionais. Você também entrou nessa, mas meio pelo lado da paródia, do humor. Hoje, o Brasil está passando por uma coisa que ninguém sabe onde vai dar. Está tudo meio balançado, na questão cultural. Se fosse hoje, que projeto você teria para a cultura brasileira?

Márcio Souza - O debate da cultura hoje é totalmente diferente do que existia nos anos 70, quando eu comecei a escrever minha literatura e fazer minha dramaturgia. No caso do Brasil, tinha uma ditadura que unificava, numa frente só, diversas correntes que a combatiam, pelas liberdades democráticas e, ao mesmo tempo, o mundo era ideologicamente mais definido. Desde 68, nós já percebíamos que existia uma ruptura no socialismo real, e isso também provocava expectativas bem diversas na discussão. Nos anos 90, o país está numa fase para além da transição democrática: a do exercício do estado de direito. E as pessoas, especialmente a classe dominante, não estão acostumadas com o estado de direito. E embora alguns segmentos tivessem lutado a favor da restauração democrática, agora estão percebendo que não é uma coisa como eles pensavam. Há um viés autoritário na estrutura da sociedade brasileira.

Brasil Agora - Isso é uma tradição.

Márcio Souza - É, especialmente, uma tradição da classe dominante. Isso tem um peso importante no debate da cultura, porque a tendência, então, é ter uma corrente que defende um ultra-liberalismo, uma ultra-modernização que esconde, no caso do Brasil, um enfoque conservador. Na verdade, como o capitalismo aqui nunca foi posto para fluir nos seus moldes clássicos (ele sempre foi um capitalismo estatizante, dirigido, controlado, não era um Estado como se entende no liberalismo), essas correntes ultra-liberais são, na verdade, as mais intervencionistas. Ora, a cultura se torna, portanto, um segmento do mercado. Atualmente, a grande questão do debate cultural é a tentativa de enfiar toda a cultura como um segmento do mercado, onde apenas o mercado rege. De tal forma que não se fala mais em arte, nem em objetos artísticos, não se fala mais em livros, filmes ou peças de teatro. Fala-se em produtos, produção cultural. Não se fala em criar arte, mas em produção cultural. Essa terminologia é usada indiscriminadamente até por quem julga estar contra essa perspectiva ultra-liberal.

Brasil Agora - Isso não seria um coroamento da década de 80? Surgiu algo de novo na literatura, por exemplo, na década de 80?

Márcio Souza - Surgiu, sim. Vários escritores surgiram. A literatura tem uma certa trajetória, ela já é uma forma de expressão fundamentada em 400 anos de história contínua. Ela vai refletindo... já há uma simbiose, inclusive da literatu-

ra com a própria história do povo brasileiro. Há certos segmentos *yuppies* da imprensa que negam até que tenha surgido qualquer coisa nova de 1935 ou 45 para cá. É a negação de uma literatura que existiu no Brasil nos anos 70, de resistência, combativa, associada ao povo, que fazia parte do processo de luta contra a ditadura. Ela teve um papel incômodo para os *yuppies*, que se desvencilharam de qualquer compromisso com o país. São profissionais liberais, jornalistas, etc., interessados em manter-se em seus cargos na iniciativa privada ou no governo, e até ascender dentro deles, que é o máximo de sua aspiração. Se nos anos 60 a aspiração de um jovem brasileiro era tornar-se cineasta para ser um novo Glauber Rocha, a aspiração dos jovens dos anos 80, no máximo, era ser editor da Folha de S. Paulo. É de uma pobreza completa!

Brasil Agora - Hoje, quem faz comunicação é com vontade de ser repórter da Globo e quem faz teatro é com a intenção de ser ator de telenovela.

Márcio Souza - Mas, de outro lado, o próprio processo da sociedade brasileira foi promovendo uma série de mudanças que foram mal entendidas. Isso é muito grave porque os adversários dessa visão liberal acabam tendo uma visão corporativa da questão cultural. Mas a transformação que ocorreu nesses últimos vinte anos foi um amadurecimento do país. É um país que aumentou o número de leitores, apesar de tudo contra. Isso permitiu, por exemplo, a desvinculação dos artistas, dos escritores, dos compositores, enfim dos artistas, do aparelho de Estado, rompendo uma intimidade constrangedora que existia. Ser artista no Brasil era estar intimamente vinculado à classe dominante através do aparelho de Estado. Só se podia ser maestro aqui e estudar na Itália, como o Carlos Gomes, se tivesse o beneplácito do Imperador, que pagava a bolsa. Machado de Assis era funcionário público, não podia viver do que escrevia.

Brasil Agora - O Carlos Drummond de Andrade, mesmo, foi funcionário público a vida inteira.

Márcio Souza - O Drummond foi funcionário público, escreveu discursos fascistas para o Gustavo Capanema. (*)

Brasil Agora - O João Cabral de Mello Neto...

Márcio Souza - O João Cabral foi embaixador. Havia essa estreita vinculação entre ser artista e o Estado. Tanto que levava a uma deformação. Muitos simulavam ser artistas, escritores, mas na verdade estavam querendo fazer currículo para exercer algum cargo mais importante. A cultura acabou virando uma moeda menos valorizada, mas que permitia que você, da classe média baixa, entrasse pela porta dos fundos para ascender socialmente. Então, surgiram escritores que não precisavam de leitores, cineastas que não precisavam de público...

Brasil Agora - E nisso tudo, que papel teve o Ipojuca Pontes ao ocupar a Secretaria da Cultura do governo federal?

Márcio Souza - Ele era um representante justamente do tipo de cultura *yuppie*, para quem tudo era um mercado.

Brasil Agora - Ele entrou para acabar com o mecenato oficial, neste país que nunca teve mecenato empresarial...

Márcio Souza - Mas, você procura algum discurso coerente desse senhor? Não dá nem pra discutir, porque é uma pessoa completamente primitiva. Atendeu os interesses imediatistas da circunstância política. Cumpriu muito bem sua tarefa, parece.

Brasil Agora - Qual é o seu cargo no Instituto Nacional do Livro?

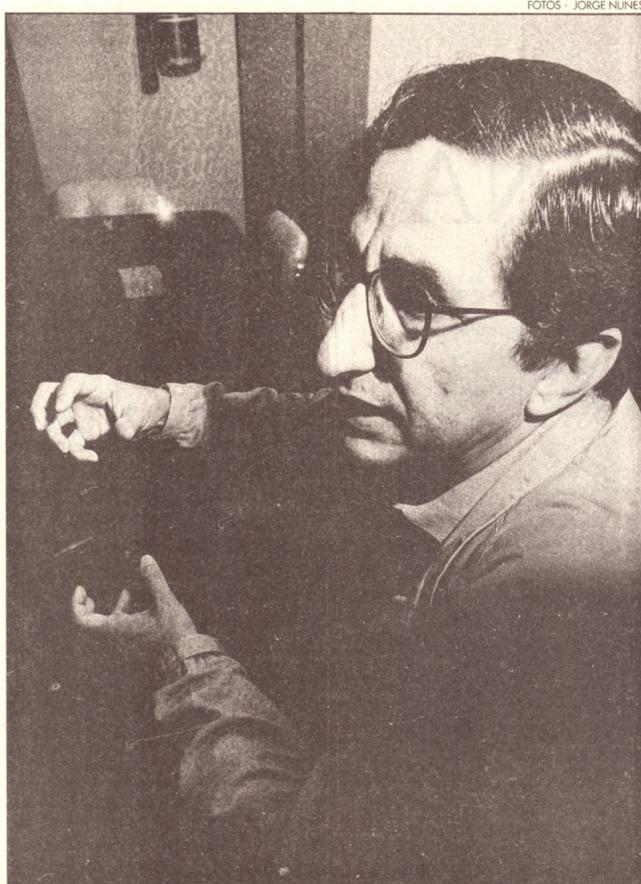
Márcio Souza - Não existe mais o INL. O Ipojuca acabou (risos). Eu trabalho na Biblioteca Nacional, onde tem uma diretoria que se chama Departamento Nacional do Livro. A Biblioteca Nacional hoje é uma Fundação. Ela tem diversas diretorias com tarefas específicas, mas sem a suposta autonomia que tinha o INL.

Brasil Agora - Como a sua diretoria vai interferir no contexto cultural? Qual é o papel dela?

Márcio Souza - Primeiro, é preciso estabelecer uma política oficial de cultura, especialmente num país que tem uma tradição bacharelesca, beltrista, como o nosso, onde floresciam os Humberto de Campos, esse tipo de coisa. De outro lado, o único projeto de Estado, no Brasil, foi feito no Estado Novo, pela direita. Esse projeto feito pelo Estado Novo se sustentou até o Ipojuca desmontar, porque ele recebeu até a adesão da esquerda. Muitas vezes o Partido Comunista fez trabalho aliado a essa visão de direita, do governo Getúlio Vargas, do Estado Novo.

Brasil Agora - Aquele "espírito nacionalista"...

Márcio Souza - Do nacionalismo, da história da cultura, para preservar a cultura do latifúndio junto com o latifúndio, evidentemente. Ai, tome literatura de cordel,



Márcio Souza: "Os yuppies se desvencilharam de qualquer compromisso com o país"

Márcio Souza - Ele era um representante justamente do tipo de cultura *yuppie*, para quem tudo era um mercado.

Brasil Agora - Ele entrou para acabar com o mecenato oficial, neste país que nunca teve mecenato empresarial...

Márcio Souza - Mas, você procura algum discurso coerente desse senhor? Não dá nem pra discutir, porque é uma pessoa completamente primitiva. Atendeu os interesses imediatistas da circunstância política. Cumpriu muito bem sua tarefa, parece.

Brasil Agora - Qual é o seu cargo no Instituto Nacional do Livro?

Márcio Souza - Não existe mais o INL. O Ipojuca acabou (risos). Eu trabalho na Biblioteca Nacional, onde tem uma diretoria que se chama Departamento Nacional do Livro. A Biblioteca Nacional hoje é uma Fundação. Ela tem diversas diretorias com tarefas específicas, mas sem a suposta autonomia que tinha o INL.

Brasil Agora - Como a sua diretoria vai interferir no contexto cultural? Qual é o papel dela?

Márcio Souza - Primeiro, é preciso estabelecer uma política oficial de cultura, especialmente num país que tem uma tradição bacharelesca, beltrista, como o nosso, onde floresciam os Humberto de Campos, esse tipo de coisa. De outro lado, o único projeto de Estado, no Brasil, foi feito no Estado Novo, pela direita. Esse projeto feito pelo Estado Novo se sustentou até o Ipojuca desmontar, porque ele recebeu até a adesão da esquerda. Muitas vezes o Partido Comunista fez trabalho aliado a essa visão de direita, do governo Getúlio Vargas, do Estado Novo.

Brasil Agora - Aquele "espírito nacionalista"...

Márcio Souza - Do nacionalismo, da história da cultura, para preservar a cultura do latifúndio junto com o latifúndio, evidentemente. Ai, tome literatura de cordel,

FOTOS - JORGE NUNES

EU FICO EM DÚVIDA SE REALMENTE O MESTRINHO É UMA INVENÇÃO DO POVO AMAZONENSE OU SE O POVO AMAZONENSE É UMA INVENÇÃO DO MESTRINHO

(Sobre a terceira eleição de Gilberto Mestrinho para o governo do Amazonas. No primeiro mandato, Mestrinho prendeu várias vezes o sindicalista Jamacy Bontes de Souza, pai de Márcio. Antes de tomar posse pela segunda vez, disse que faria Márcio Souza engolir o seu livro "A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi", em que Mestrinho aparece como personagem central.)

Brasil Agora - Ainda na época do Ipojuca Pontes houve uma proposta cultural, muito criticada porque foi redigida pelo secretário da Indústria e Comércio do Rio. Foi feito um projeto para ser apresentado ao Congresso.

Márcio Souza - Foi suspensa. Eu cheguei até a ler o texto. Mas, é impressionante: vem o cara aí, desmonta toda a estrutura cultural do país, tudo que é oficial, e eu não vi ninguém se levantar e discutir, a não ser o Eugênio Bucci, editor da revista Teoria & Debate, que escreveu um artigo brilhante na Folha de S. Paulo. A única pessoa que eu vi discutir a questão. A maioria dos artistas só queria discutir o subsídio, a Lei Sarney.

Brasil Agora - No seu cargo, você vai poder interferir nisso?

Márcio Souza - Eu tinha um projeto que esperava poder aplicar com o Lula na Presidência. Aliás, aí seria fácil, porque eu teria condições de ir até o Palácio do Planalto, sacudir o dedo no nariz dele, fazer soltar mais dinheiro. Até agora, eu tive todas as condições de trabalho e apoio da parte do Afonso Romano de Sant'Anna, que me convidou.

Brasil Agora - Resuma o seu projeto.

Márcio Souza - Quando o Afonso assumiu, foi lá na parte que interessava a ele, que é a de livros, bibliotecas, e gostou muito do meu projeto. Então, ele mandou me chamar e disse: "Olha, eu li aquele teu projeto, achei ótimo. É isso aí que tem que fazer. Topa assumir aquilo, pôr na prática?". Eu perguntei: "Dá pra pôr?". Ele disse: "Eu não sei. Fica aí uns três ou quatro dias, vê se dá". Eu fiquei uns três dias examinando os recursos e disse que dava pra tocar. E até agora eu tenho tido muito apoio. A Zélia, antes de sair, prendeu 70% do orçamento. Quer dizer, tinha que fazer cultura de 30%. Só na cabeça daquela maluca, né?

Brasil Agora - Cem por cento já não era lá essas coisas.

Márcio Souza - Não era. Ai fiquei pensando: ela diz que gosta tanto da "Montanha Mágica". Com 30% da "Montanha Mágica", o Hans Castorp sobe e ninguém sabe o que aconteceu lá em cima.

Brasil Agora - Voltando ao projeto...

Márcio Souza - O projeto, basicamente, tem a finalidade de ampliar o número de leitores no Brasil, romper com essa história de ter só quinzentas livrarias no país e com a história de edições com três mil exemplares de tiragem. Certamente, a melhor maneira de ampliar o número de leitores do país é dar condições dignas de vida para o povo brasileiro. Mas há algumas maneiras de agir na área estritamente cultural, porque eu não posso me intrometer na questão realmente social. Na minha área eu posso fazer alguma coisa, então nós vamos atacar em várias frentes. Na primeira, vamos desencadear a partir do ano que vem um programa de incentivo à leitura, que se chama Pró-Ler. Vamos estabelecer espaços de leitura em tudo, em qualquer lugar possível: na rodoviária nos hospitais, qualquer espaço que tiver pos-

sibilidade nós vamos abrir uma biblioteca, um espaço de leitura, uma estante de leitura. E vai ser desenvolvido também um programa de incentivo à leitura na área universitária, uma área em que ninguém lê, inclusive os professores não lêem mais.

Outra frente é mudar - e isso nós já estamos fazendo - a estrutura do sistema nacional de bibliotecas. O Brasil tem aproximadamente 4.200 bibliotecas públicas. A maioria dos municípios brasileiros tem uma biblioteca pública que pode eventualmente nesse momento estar fechada, na casa do prefeito anterior.

Brasil Agora - O problema não é tanto a quantidade, é funcionar, né?

Márcio Souza - Exatamente, 80% das bibliotecas estão abertas, precariamente mas estão, à disposição dos leitores. O que falta é fazer com que elas sejam centros de cultura e não depósitos de livros empoeirados.

Brasil Agora - Você falou que, se fosse o Lula na Presidência, teria condição de chegar lá e pôr o dedo no nariz dele e exigir verba...

Márcio Souza - Pois é, eu estive na campanha do Lula e, quando você cita um cargo aqui, teoricamente do governo Collor, embora não seja uma coisa do primeiro escalão, isso deixa as pessoas meio sem saber o que estava acontecendo.

Brasil Agora - Houve alguma reação oficial ou oficiosa do pessoal do PT?

Márcio Souza - Não. Também não teria cabimento. Se eu fosse aceitar o Ministério, talvez...Primeiro que eu não aceitaria.

Brasil Agora - Ocupar esse cargo não implica aceitar a política cultural e econômica do governo?

Márcio Souza - Ele tem uma política cultural? Nós estamos fazendo a política cultural dele hoje, na área do livro pelo menos. E foi a proposta que eu fiz no ano passado, não fiz para nenhum governo. Na questão das bibliotecas, a política que nós estamos aplicando é uma reivindicação de anos das bibliotecárias no país. Outros aspectos do programa são a divulgação internacional da literatura brasileira, o apoio aos autores brasileiros. Isso aí é uma reivindicação de anos, também, dos autores e dos editores. A vinda do Afonso para cá, uma pessoa progressista, para dirigir a Biblioteca Nacional, abre o espaço para se propor uma política dessas que está se implantando no país, sem que isso mereça qualquer tipo de reparo. Eu não vim sem pensar, claro. Ponderei, não sou nenhum gênio politicamente, mas sou gênio o suficiente, talvez, para achar que seja possível fazer alguma coisa sem participar ao mesmo tempo de um grande projeto político.

*Gustavo Capanema foi ministro da Educação durante o Estado Novo

**Béla Bartók: compositor húngaro, que viveu de 1881 a 1945.

BOTO X JACARÉ

O Mestrinho é um tipo de político que a gente critica, mas que só prospera na democracia, porque ele disputa mesmo no voto, nunca foi biônico. Ele tem capacidade para dar uma certa ressonância às questões do povo que vota. O que ele está refletindo com essa questão do jacaré não é tanto do jacaré em si, mas uma questão de princípio. A estrutura do poder federal trata a região amazônica como colônia. Então, um funcionário de terceiro escalão do Ibama tem mais poder do que o governador do Estado. Por essa questão de princípio, eu acho o Mestrinho tolerante. Se fosse eu, dava 24 horas para o Ibama se retirar do território do Estado.

ZONA FRANCA

Foi a pior desgraça que podia acontecer para Manaus e para a Amazônia Ocidental. A cidade foi violentada pelo processo. Claro que toda zona franca só existe onde existe ditadura, autoritarismo. No Chile, existiu em Valparaíso, quando Pinochet era ditador; existe em Formosa e em Singapura, que não são exatamente democracias. Manaus sofreu com isso. É hoje uma grande favela, não tem solução. A cidade vai ter que reencontrar seu caminho, vai se transformar numa espécie de cicatriz feia, sem possibilidade de ser escondida por qualquer tipo de operação plástica.

REGIME CHATO

Eu tive muito pouca experiência do socialismo real. Nunca estive na União Soviética e nunca estarei, porque ela não existe mais. Nos países onde estive, a Alemanha Oriental e a Bulgária, dava a impressão de um rubicundo paraíso pequeno-burguês, bem mediocre, em que tudo se resolvia através de favores: "eu te arrumei uma partida de ovos especiais, agora você arranja um cargo no balé estatal para a minha prima manca" ou o cara que é poeta laureado porque casou com a filha enjeitada do secretário-geral do Partido, e aí para manter aquele cargo passa o resto da vida apanhando da filha feia.

FIM DA UTOPIA?

A crítica ao socialismo real é um processo já da primeira metade do século XX. E quem participou de 68, participou em cima de uma crítica ao socialismo real. A idéia da utopia faz parte da humanidade. Mesmo esse tipo de socialismo, junto com a luta de implantação do socialismo no final do século XIX e no século XX, civilizou o capitalismo. Ele foi tendo uma série de conquistas, com lutas mesmo, pela classe trabalhadora. Essa tradição, não é meia dúzia de escravos ensandecidos que vai jogar na vala comum.

AMAZÔNIA

Você não faz a defesa da região com essa estrutura militar, nem com fazendeiros. Você ocupa realmente a região canalizando recursos para pesquisas. A Amazônia precisa hoje de uma ocupação, precisa ser ocupada por cientistas brasileiros e outros cientistas. É uma proposta que eu tinha feito ao Lula: uma moratória de dez anos para todos os projetos, de retirar tudo por dez anos. E só ocupar a região amazônica com cientistas, para investigar o que é que se pode fazer na região, em benefício do povo brasileiro.



QUEM É Boris Yeltsin? "Um gigante", "o homem predestinado", o "herói que salvou a URSS". Até ontem, Yeltsin era "um bufão" um oportunista, um futuro autocrata encoberto por um manto de populismo", como diz a revista *Time*. Que aconteceu? Onde estão os heróis como Lênin, Trotsky? Mudaram os tempos, se pergunta Luís Fernando Veríssimo? E ele mesmo responde: não é que a história acabou, como diz Fukuyama: mas, com certeza, ela está dando um *time*.



Desde 1988 a Lei do Comércio americana tem um dispositivo (Exon-Flório) através do qual o presidente pode vetar a compra de empresas dos EUA por estrangeiros, sempre que isso implique ameaça militar à "segurança nacional". Agora, a Câmara dos Deputados estuda um passo a diante no protecionismo: o Ato de Preservação Tecnológica, que permitiria ao presidente vetar toda compra de empresa por estrangeiros que possa abalar "a base industrial e tecnológica dos Estados Unidos".

● Japão e Estados Unidos, os dois fabricantes de supercomputadores para o mundo, concordaram em reduzir as exigências políticas para suas vendas. Mas não para todos. Para 30 países, essas dificuldades foram reforçadas: são aqueles que não assinaram o Tratado de não-Proliferação Nuclear. Como o Brasil, que há anos tenta comprar um supercomputador para previsão meteorológica.

Na última reunião dos sete países ricos em Londres, os EUA comandaram a pressão para desmontar a indústria bélica do 3º Mundo. Logo em seguida, junto com a França, promoveram uma reunião do Conselho de Segurança da ONU em Paris para aumentar a vigilância sobre o comércio de armas. Ao mesmo tempo, embalados pelo sucesso de suas forças no Golfo, estão realizando enormes vendas de material bélico, a uma dezena de países. Só a Turquia está comprando 200 helicópteros para transporte de tropas.

IPATINGA, 2/9. ÀS VÉSPERAS DA PRIVATIZAÇÃO DA USIMINAS, CRESCE O CONSUMO DE TRANQUILIZANTES NA CIDADE, E A EMPRESA APERTA O CERCO AOS TRABALHADORES.

TERROR NA USINA

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE MINAS GERAIS / FOTOS - ALAN RODRIGUES

A cada 20 dias, 16 mil comprimidos do tranquilizante Diazepam são distribuídos apenas pela rede municipal de saúde pública de Ipatinga, no Vale do Aço de Minas Gerais, onde está instalada desde 1958 a siderúrgica Usiminas, com investimentos de 7 bilhões de dólares, que nos próximos dias 24 e 28 de setembro terá suas ações leiloadas. A empresa, que nos últimos sete meses teve um lucro líquido de 21,5 bilhões de cruzeiros, foi avaliada em 1,5 bilhão de dólares pelo BNDES e deverá ser a primeira estatal a ser privatizada pelo governo Collor.

Em Ipatinga ocorrem três a quatro casos de internação por doença mental a cada dia. "O '1984' é fichinha perto do esquema de controle exercido pela Usiminas sobre seus trabalhadores", diz o prefeito Francisco Carlos Chico Ferramenta Delfino, ex-deputado estadual pelo PT, ao comparar o ambiente da cidade de 250 mil habitantes com o pesadelo totalitário do livro de George Orwell.

PRODUTIVIDADE - O clima de tensão e insegurança entre os 12.046 empregados da usina aumentou sensivelmente desde que o governo federal anunciou a venda da estatal responsável por 6% da arrecadação do ICMS de Minas e com uma produtividade perto de 370 toneladas de aço por homem/ano, quase o dobro da média nacional e comparável às siderúrgicas do Japão.

O controle da direção da siderúrgica sobre seus empregados começou a ficar mais claro a partir da eleição do Sindicato dos Metalúrgicos em 1985, quando a chapa cutista "Ferramenta" disputou e perdeu a direção da entidade. A chapa encabeçada por Francisco Delfino foi toda demitida da empresa e, no ano seguinte, incorporando "Ferramenta" ao nome, ele surpreendeu com sua eleição à Assembleia Legislativa. Foi o segundo deputado votado no Estado, obtendo 24 mil de seus 50.100 votos apenas em Ipatinga.

A partir daí ficou nítido um fenômeno: pressionados pela empresa, os metalúrgicos da Usiminas votaram nas chapas da situação apoiadas pela direção da siderúrgica, mas nas eleições para o Executivo e o parlamento despejavam seus votos em candidatos da oposição, preferencialmente os do PT. Em 1988, poucos meses depois de Luiz Carlos de Miranda Faria ser reeleito para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga, Chico Ferramenta conquistava a prefeitura da cidade contabilizando mais de 50% dos votos disputados entre seis candidatos.

PATRULHAMENTO - Em 1989, enquanto Faria apoiava Collor, Lula saía vitorioso em todas as urnas de Ipatinga no primeiro e segundo turnos. E nas eleições de 1990, enquanto Ferramenta apoiava a candidatura vitoriosa a deputado estadual de José Ivo, metalúrgico demitido da Usimi-



A "GRANDE FAMÍLIA" USIMINAS: TRABALHADORES TENSOS, TEMENDO IR PARA CASA DESEMPREGADOS.

nas, o presidente do sindicato, Faria, em sua terceira gestão, não conseguia chegar à Assembleia Legislativa com os 4.965 votos obtidos.

A Usiminas trata seus trabalhadores como se fizessem parte de uma grande família e se intromete em todos os cantos da cidade implantada em torno da empresa. Um sistema talvez herdado da mentalidade introduzida pelos 530 japoneses que entre 1957 e 1966 foram enviados à usina, e incentivado pela ditadura militar - hoje os 56 sócios japoneses da Usiminas, representados pela holding Nippon Usiminas KK, detêm 12,88% do capital da siderúrgica.

Em 1963 os operários da Usiminas experimentaram a primeira greve e foram massacrados pela Polícia Militar do governo Magalhães Pinto. Oito mortos foram identificados oficialmente e desde então até dissídio coletivo tornou-se tabu na empresa. Greve, nem se fala.

NA JUSTIÇA - Chico Ferramenta atualmente administra uma arrecadação mensal de 2,1 bilhões em cruzeiros de agosto, dos quais 80% são provenientes

de ICMS e IPTU pagos pela Usiminas. Ele condena a privatização e a sub-avaliação da empresa e lamenta que, devido ao medo de desemprego com a privatização da usina, ninguém reclama abertamente.

Hoje há duas ações na Justiça contra a privatização, uma delas com a liminar cassada e outra de inconstitucionalidade da lei de privatização com arguição do PSB no Supremo Tribunal Federal. Em Brasília foi formado o Comitê Parlamentar Suprapartidário contra a Privatização da Usiminas e em Minas a Assembleia Legislativa, por requerimento do deputado petista Raul Messias, entrou na Justiça contra a venda da estatal.

No caso de privatização, os trabalhadores da Usiminas têm direito a 10% das ações. Porém, eles não têm mostrado grande interesse na compra. "Só 100 dos 13 mil funcionários interessam-se em comprar ações. O Bradesco colocou agência dentro da usina para negociar reservas de compra e deu com os burros n'água. No fundo, o peão entende que a privatização pode até melhorar seus salários e provocar a demissão das chefias", conta Eliel Miran-

da Tavares, demitido em 1985 por participar da chapa Ferramenta.

Já o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Luiz Carlos de Miranda Faria, da Força Sindical, nota certa apreensão da parte dos operários e da comunidade, temendo que venham a perder conquistas sociais e estabilidade. "O que mais se teme é o capital irresponsável. Todos estão apreensivos de que a siderúrgica Belgo Mineira (da vizinha João Monlevade) venha a comprar a Usiminas. Quando ela se apresentou como interessada, aumentou o temor, porque suas relações com o trabalhador não são bem vistas", conta Faria. Ele próprio acredita na existência de "maracutaia" no processo de privatização, porque a Usiminas dá lucro, e o governo "deveria começar com a venda das empresas estatais deficitárias". A seu ver, o ideal seria a empresa continuar estatal, mas com autonomia de gerenciamento administrativo.

Desde novembro, os trabalhadores estão com o salário congelado, ganhando apenas antecipações. E o arrocho salarial desde a fase final do Plano Cruzado, em fins de 1986. Historicamente, o

SEM TERRA E SEM JUSTIÇA

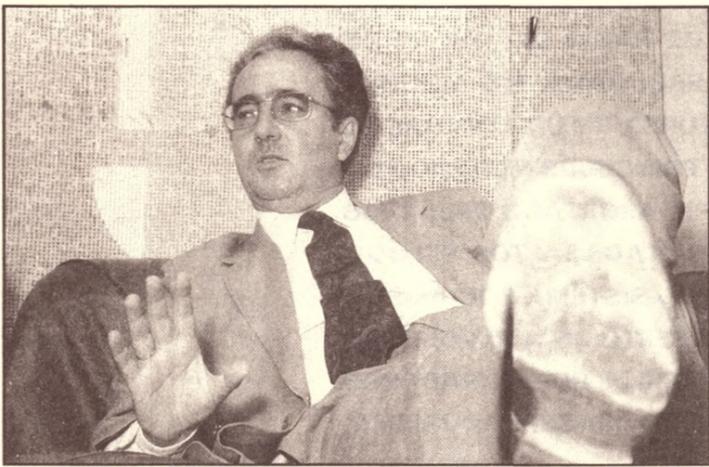
Desde o início de 1990 algo mudou para os trabalhadores rurais e sem terra. Nenhum despejo de famílias rurais foi executado por pistoleiros e já não se usam mais jagunços ou forças para-militares para reprimir os trabalhadores. Nem é preciso. As polícias militares, a Brigada Militar gaúcha e a própria Polícia Federal estão entrando na luta, logicamente para defender os interesses dos grandes proprietários.

De 1964 para cá, segundo a Comissão Pastoral da Terra, cerca de 1600 trabalhadores rurais foram assassinados, e a repressão aumentou, com o dinheiro público sendo usado a serviço do capital privado, a partir do momento em que os trabalhadores come-

çaram a se organizar e a receber o apoio de entidades da sociedade civil.

Como pano de fundo dos conflitos que pipocam no país, desponta a decisão política do governo Collor de não implementar qualquer ação efetiva de reforma agrária, embora o presidente tenha anunciado, em sua campanha eleitoral, a meta de assentamento de 500 mil famílias. A esta altura, portanto, o déficit já é de 150 mil assentamentos não feitos.

Uma amostra do comportamento policial frente ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é o que acontece com os gaúchos Otávio Amaral, José Gowaski, Idone Bento e Augusto Moreira. Dia 8 de agosto de 1990, seiscentos colonos sem terra ocuparam a praça em frente ao Palácio do Governo do Estado do Rio



O PREFEITO CHICO FERREIRA CONHECE BEM A USIMINAS: JÁ FOI DEMITIDO DELA POR SER DA OPOSIÇÃO SINDICAL. E COMPARA O CLIMA DA EMPRESA AO TERROR DO LIVRO "1984"



RINALDO SOARES, DIRETOR-PRESIDENTE DA EMPRESA, ACHA NORMAL INTERFERIR NA PRIVACIDADE DOS EMPREGADOS: "A VIDA DO FUNCIONÁRIO PRECISA SER OBSERVADA"

valor da folha de pagamento correspondia a 13% do faturamento, mas já em 1988 baixara para 6,97%.

Prova maior da queda salarial é o conjunto habitacional erguido em estrutura metálica pela Usiminas no bairro Ferroviário. Os apartamentos encontram-se fechados porque não aparecem metalúrgicos com dinheiro suficiente para adquiri-los. O menor salário da empresa gira em torno de 60 mil e o salário médio é de 150 mil cruzeiros. Na campanha salarial que está começando, o Sindicato reivindica uma reposição de 180%.

Para conquistar este índice, os trabalhadores terão que fazer queda de braço com o presidente da empresa, Rinaldo Campos Soares, um ex-diretor de operações formado na siderúrgica como os demais empregados, tido como grande pai por uns e tirano por outros, responsável em boa dose pelo sistema de controle da usina sobre os trabalhadores.

"Rinaldo é a figura clássica do tirano admirado pela sua competência", resume o engenheiro José Ferreira Júnior, desde 1986

como analista de sistemas, diretor do Sindicato dos Engenheiros. Ferreira é o primeiro dirigente sindical não atrelado à empresa e está com seu contrato de trabalho suspenso depois que a siderúrgica entrou com inquérito na Justiça do Trabalho reivindicando justa causa para demití-lo.

Como o Demônio - Seu pecado maior, acredita, foi ter cometido a ousadia de "trair" a família Usiminas, candidatando-se em maio a diretor do Sindicato por uma chapa da CUT, que para a direção da empresa é algo como o demônio.

Depoimentos contando a forma como a empresa age não faltam: "Na usina há um corpo de funcionários, 80% deles ex-PMs ou policiais civis, que vigiam os operários até nos bairros. Nas eleições sindicais as urnas eram colocadas nas seções junto das chefias e algumas delas chegavam a falar que se a chapa de oposição ganhasse seriam apressadas as demissões, o que gerou insegurança e fez aumentar o número de acidentes de trabalho",

conta Eliel Tavares, que até novembro de 1985 trabalhava com controle de acidentes de trabalho e hoje é assessor no gabinete do prefeito Chico Ferramenta. Ele acrescenta que na Usiminas não existem Cipas e os chefes forçam a presença dos acidentados para não perderem comissão. "Há uma seção hoje onde é normal fazer no mínimo 50 horas extras, como na usinagem, por falta de pessoal".

Conforme Eliel Tavares, para se formar hoje uma chapa de oposição ao sindicato têm de promover reuniões clandestinas, pois se a empresa descobre a articulação logo demite quem participa da iniciativa. "E o próprio sindicato denuncia o possível candidato da oposição para que seja demitido. Todos os candidatos das chapas de oposição de 1985 e 1988 foram demitidos", conta ele. Intimidados, os trabalhadores não reclamam até mesmo da poluição comparável à da cidade de Cubatão (SP) antes de sua recuperação.

Engenheiro de Minas e Metalurgia, doutor pela Universidade de Paris e pós-graduado na Escola Superior de Guerra, Rinaldo Campos Soares foi admitido na Usiminas como assessor do Departamento de Engenharia Industrial em fevereiro de 1971, tendo passado por várias chefias até ser eleito diretor-presidente em abril em 1990. É também presidente da Fundação São Francisco Xavier, a caixinha previdenciária dos trabalhadores da siderúrgica, que recebe 25 milhões de cruzeiros por ano.

Provável candidato a prefeito no ano que vem, correm histórias de que, designado chefe de produção, chegou a instalar luzes vermelho e verde numa torre da Usiminas para que de sua casa, no bairro Castelo, pudesse controlar a produção: luz vermelha, sinal de produção fraca, fazia o zeloso Raimundo correr desesperado para a usina...

Em rápida entrevista a **Brasil Agora**, em Belo Horizonte, Rinaldo Soares fez questão de confirmar a interferência da Usiminas na vida dos funcionários, mesmo além dos limites da empresa. "A vida do funcionário precisa ser observada e por isso estamos presentes até junto à sua família, que só se sente feliz se recebe o mesmo tratamento dado ele. Desta forma, chegamos à vida do funcionário através da moradia em Ipatinga - construímos nove mil casas financiadas aos empregados - assistência à saúde, educação e segurança", explicou. Tudo desmentado em folha, o que prende o trabalhador à empresa.

ALOÍSIO MARTINS

Dois meses depois, prenderam também Idone e Augusto sob a alegação de que, se soltos, promoveriam novas ocupações. Todos continuam presos.

As testemunhas contra eles foram agregadas irregularmente, segundo o advogado Luiz Goulart, defensor dos

colonos, pois o juiz tomou a iniciativa sem ouvir as testemunhas de defesa. O julgamento deverá ser em novembro ou em dezembro, e a expectativa é grande. Provar a inocência deles não é difícil: o problema é desmontar a farsa que visa condenar os quatro e intimidar os demais.

ensaio

Estão dando a Usiminas de bandeja

O leilão da Usiminas faz parte de uma "grande estratégia" de privatização de 226 estatais com 60 bilhões de dólares de patrimônio. Essa idéia nasceu nos EUA quando o ciclo de expansão do pós-guerra da economia

americana chegou ao limite. Privatizar nas zonas de influência americana, como América Latina e Grã Bretanha, era como crescer para dentro. E a "grande estratégia" ganhou um discurso chamado "neoliberal", que acusa o Estado de mau gerente, perdulário, ineficaz, as estatais de corruptas. Características inerentes a todo monopólio, seja estatal ou privado, como mostram os últimos escândalos no Japão e Estados Unidos. Mas é certo que nas ditaduras, especialmente na nossa, as estatais tornaram-se centrais de poder e focos de corrupção, também protegidas pelo discurso de que cabe ao estado promover o desenvolvimento.

A "grande estratégia" logo vinculou privatização a outra manifestação da crise dos anos 70, a dívida externa dos países periféricos. As condicionalidades no Plano Brady são exatamente isso: oferecer descontos no principal da dívida para os países que privatizem suas estatais. Assim, a privatização acabou sendo a forma assumida pela última e clássica etapa de todo grande processo de endividamento - a etapa em que o devedor entrega seu patrimônio. Mas, surgiram obstáculos.

Primeiro, o colapso dos regimes do Leste Europeu, que aderiram à proposta neo-liberal, abrindo todo um vasto campo de expansão para o capital, e retirando urgência à privatização na América Latina. Segundo o fato no, Brasil as estatais servirem de canais de transferência de subsídios ao setor privado. A Usiminas fornece aço ao setor privado abaixo das cotações internacionais. Por isso, o governo está prometendo a quem "comprar" a Usiminas que vai permitir recuperar seus preços em 40%. Mais do que o empreguismo ou a corrupção, foi isso que levou as estatais ao endividamento. Por isso, os clientes da Usiminas não têm interesse na privatização. Os bancos credores da dívida têm algum interesse, desde que lhes seja permitido usar papéis da dívida. Para viabilizar então a entrega, o governo precisa dar a empresa quase de graça. Essa é a razão do preço escandalosamente baixo, e da aceitação de títulos da dívida externa que os grandes bancos compram dos pequenos pagando apenas um quarto do seu valor de face. No leilão, serão aceitos por três vezes mais, ou 75% do valor de face.

Que posição, então, adotar em relação ao caso Usiminas? A favor da privatização como um princípio, para estancar a sangria dos subsídios do povo para o seu setor privado. Mas não se pode aceitar a privatização como forma de pagar mais uma vez a dívida que já foi paga tantas vezes. Não se pode aceitar títulos da dívida na privatização. E nem se pode passar esse patrimônio abaixo do seu valor. Caso contrário, estaremos apenas dando mais um gigantesco subsídio depois de tantos anos de subsídio via preço.

BERNARDO KUCINSKI

Qual o segredo da indústria farmacêutica americana, cujas principais empresas tiveram em 1990 lucros 50% maiores que a média das maiores do país? Cobrar pelos remédios cerca de cinco vezes o preço de custo; investir dois quintos das receitas em marketing - basicamente em tropas de visitas aos médicos; e uma cuidadosa proteção legal de suas patentes, diz a revista *Fortune*, de julho. Entende-se assim de onde vem a necessidade e o dinheiro para a pressão pelo reconhecimento das patentes de fármacos no Brasil.

Faz sucesso pelo mundo o livro do deputado japonês Shintaro Ishihara, e que teve a colaboração de Akio Morita, o patrão da Sony, "O Japão que sabe dizer não". Parece, no entanto, que mais preciso é o livro do holandês Karen Wolferen que após 13 anos no país conclui que o Japão ainda não pode dizer não: não tem propriamente um poder central forte, é uma nação dividida em facções, feudos, vivendo sob uma Constituição outorgada pelos americanos.

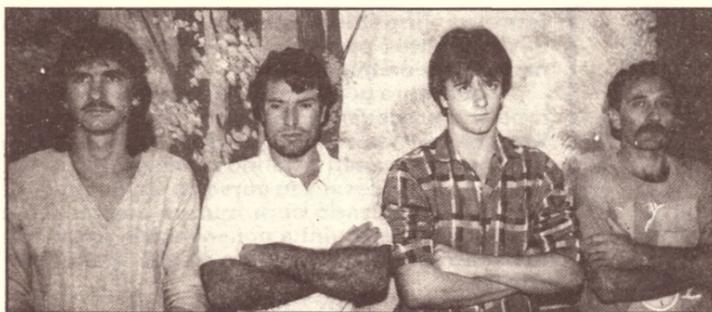


AUX ARMES, CITOYENS! O brado de guerra da primeira-ministra Edith Cresson contra o perigo da invasão da Europa por produtos japoneses provocou manifestações opostas nos dois lados do mundo. Em Tóquio, a ultradireita japonesa, no seu estilo marcial e ameaçador, desfilou diante da embaixada da França. Em Paris, com sua elegância de ofício, a associação que junta os produtores de artigos de luxo, como bebidas, alta moda e perfumes - e que vê seus lucros dependentes da nova leva de yuppies, no Japão - lançou manifesto condenando a xenofobia da primeira-ministra.



A CONVERSÃO da indústria bélica soviética em uma indústria civil voltada para o mercado de consumo capitalista não se dará em benefício dos consumidores em geral, logicamente. A célebre Sukhoi, que produziu o SU-27, último tipo de avião militar supersônico, numa joint-venture com a Gulfstream Aerospace, americana, que cuidaria principalmente do marketing e vendas, projetou um avião com duas vezes a velocidade do som, para os executivos da grande indústria global, que se consolidam nesses tempos pós-socialismo, como se diz.

O carro médio americano, para o trabalhador americano médio, está hoje 50% mais caro que há dez anos: custava 22 semanas de trabalho, agora custa 32. "Estamos assistindo ao empobrecimento (leia-se: aumento da concentração de renda) da América", diz o presidente da Ford.



OTÁVIO, GAWASKY, IDONE E AUGUSTO, ESPERANDO JULGAMENTO

Grande do Sul, em Porto Alegre, enquanto lá dentro uma comissão negociava. Quando se vislumbrava um acordo, o comando da Brigada Militar deu ordem de ataque. Um soldado foi morto, com um corte de um centímetro no pescoço, feito por uma foice. Otávio foi preso, como autor do golpe, e José, como o homem que segurava o soldado, embora testemunhas garantam que a prisão ocorreu antes da morte do brigadiano.



NO SEU discurso para os chefes de Estado ibero-americanos, reunidos recentemente no México, Fidel Castro disse que os povos da América precisam comemorar o feito heróico de Colombo há 500 anos, sem esquecer a devastação causada entre os povos indígenas e africanos pelos conquistadores. Outros críticos de Colombo vão mais longe: "Ele fez Hitler parecer um delinqüente juvenil", é o slogan de um dos movimentos de comemoração alternativa do descobrimento da América.



Lawrence era. Era um bravo

Cresce nos EUA o movimento de protesto contra o regulamento que proíbe a presença de homossexuais nas Forças Armadas. Desde a Operação Tempestade no Deserto, o Pentágono dispôs 1000 soldados homossexuais, como Lawrence da Arábia, que foi um grande guerreiro.



O movimento pelos direitos das mulheres continua em expansão pelo mundo, atinge lugares inesperados, sob lideranças insuspeitadas: na União dos Emirados Árabes, as mulheres foram admitidas nos postos de oficiais do Exército, por pressão da Associação de Mulheres, dirigida por Sheika Fátima, a mulher principal do emir Zayed.

CAIU a diretora do OSI, escritório de investigação para a integridade científica dos EUA, famoso no Brasil a partir das repercussões do caso da bióloga brasileira Thereza Imanishi-Kari, doutora na Universidade de Tufts, em Boston, acusada de fraude. Motivo do afastamento, segundo Bernardine Healey, nova diretora do Instituto Nacional de Saúde dos EUA, à qual o OSI está subordinado: o órgão havia abandonado não só os critérios científicos de investigação, como vinha desrespeitando os direitos constitucionais dos cientistas, como Thereza e Robert Gallo, um dos descobridores do vírus da AIDS, outro dos acusados.

OS PRIMEIROS PROGRAMAS DE RÁDIO DO DIA 19 DE AGOSTO NOTICIAM A DERRUBADA DE MIKHAIL GORBATCHEV, PRESIDENTE DA URSS, EM UMA OPERAÇÃO PALACIANA CHEFIADA PELOS PRINCIPAIS MEMBROS DO GABINETE SOVIÉTICO. O GOLPE, ABORTADO TRÊS DIAS DEPOIS, FEZ A HISTÓRIA MARCHAR AOS SALTOS: SELOU O COLAPSO DA AUTO-REFORMA DO SISTEMA SOCIALISTA, O ENCERRAMENTO DO CICLO ABERTO PELA REVOLUÇÃO DE 1917 E A HEGEMONIA DAS FORÇAS RESTAURADORAS SOBRE A REFORMA E OS RESTOS DO CONSERVADORISMO.

Se o jornalista norte-americano John Reed, legendário autor de «Dez Dias que Abalaram o Mundo» - a epopéia sobre a vitória dos bolcheviques na Revolução de Outubro - pudesse, por alguma ironia divina, levantar-se de seu túmulo junto ao muro do Kremlin e reaparecer nas ruas ocupadas pelos seguidores de Boris Ieltsin, nas horas e dias que sucederam a tralhada golpista, todas as suas referências seriam jogadas ao chão.

Desta vez, as bandeiras, os hinos, as cenas românticas, as emoções próprias dos parteiros da história são a coreografia e a trilha sonora de um movimento que restaura os símbolos da Rússia czarista, brada contra setenta anos de socialismo, derruba os ícones comunistas e luta contra um golpe que, aos seus olhos, só faria distanciar sua terra das esperanças políticas, econômicas e culturais do livre mercado.

O outro lado, grotescamente associado à velha ordem instaurada pelos partidários de Lênin, expressa a pusilanimidade, a torpeza e o descolamento social tão presentes na política e na mentalidade dos generais brancos que submeteram o governo soviético, em seus primeiros anos, à cruzada de uma guerra civil dita «sanitária».

A situação criada na URSS após os acontecimentos de 19 de agosto, assim, repousa sobre um paradoxo: enquanto a restauração capitalista apela, crescentemente, aos métodos revolucionários e à mobilização das massas para fazer valer seus desejos, o sistema nascido em outubro de 1917 tenta resistir com artifícios comuns, na descrição de Reed, aos mais abje-



tos membros da monarquia e da burguesia russas.

Sequer resta dignidade. O Partido Comunista é posto na ilegalidade, e não se ouve falar de qualquer resistência desta agremiação - que, pelo menos até algumas semanas atrás, possuía mais de catorze milhões de filiados. Sua imprensa é proibida, e nenhum de seus dirigentes ousa sequer sonhar em editá-la à revelia dos decretos antidemocráticos de Ieltsin, como seria natural nos velhos tempos.

Tudo o que um dia foi saudado como a maior conquista dos trabalhadores do mundo - e durante décadas esta foi a opinião da esmagadora maioria dos homens e mulheres progressistas -, sucumbe ao modo da Rússia de

Kerenski.

O paradoxo soviético, de quebra, sacode também a esquerda dos outros países. As reações à uma ordem revolucionária que envelhece e é varrida pelo povo nas ruas são de uma profunda diversidade. O Partido Comunista Brasileiro, que já havia prometido não mais copiar «modelos», rapidamente convocou seu Comitê Central para discutir sua autodissolução, e a constituição de uma nova força política. Uma parte do órgão dirigente do PCB, por sua vez, que havia saudado precocemente a «normalização», se prepara para transferir-se, de mala e cuia, para o rival PC do B - cujo presidente nacional, João Amazonas, analisara o golpe como um «fato alvissareiro».

Malgrado o *putsch*, a direção do partido já o caracterizava, em nota pública, como «uma tentativa desesperada» de pôr fim ao descalabro político, econômico e ideológico.

Rios de tinta serão gastos nos próximos anos para tentar explicar o colapso. Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Partido dos Trabalhadores, enfatiza que também é importante «responsabilizar o Ocidente, por ter iludido os povos soviéticos e ter-se recusado a fazer investimentos». Para o líder petista, «as idéias democráticas defendidas pelo partido desde sua fundação, em 1980, ficam fortalecidas». Lula, entretanto, reconhece o paradoxo. Reafirma sua oposição ao golpe, mas não hesita ao falar de Ieltsin: «é um desequilibrado que pode virar um novo ditador».

Após seis anos de governo Gorbatchev, o projeto da auto-reforma do «socialismo real» - que incluía temas tão generosos como a democratização do Estado e a substituição de uma planificação centralizada por uma economia apoiada sobre um mercado socialmente regulado - foi sepultado pelo primado da política. A fórmula gorbatcheviana, de avançar dois passos na *glasnost* a cada passo que claudicava na *perestroika*, acabou por liberar forças naturalmente opostas à reforma - e com cacife para sabotá-la ou transformá-la em sua própria negação, a restauração da ordem pré-Outubro de 1917.

Todos os processos de «transição por cima» que a política moderna conhece, tanto em sistemas capitalistas como socialistas, partem de duas premissas básicas: a necessidade de manter firme controle político no período em que o velho modelo já caducou, mas o novo ainda está por se construir; e a paulatina separação en-



DE VOLTA À ESTAÇÃO FINLÂNDIA

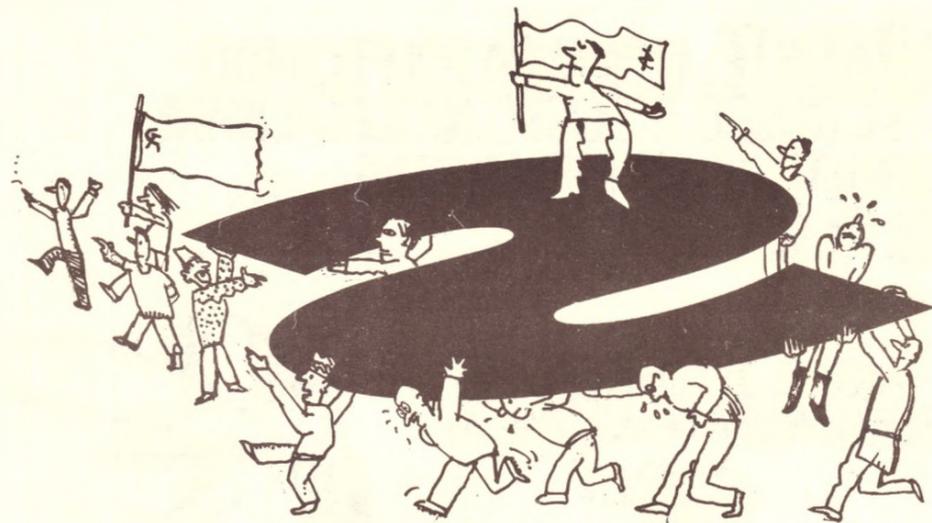
Nossa formação racionalista, ou mesmo marxista, tem-nos impedido muitas vezes de valorar devidamente o papel que a estupidéz desempenha na história da humanidade.

A aventura golpista de 19 de agosto, tentando repetir o precedente «exitoso» de 1964 - quando Krutchev foi derrubado por seus colaboradores -, terminou se transformando numa grotesca farsa: acelerou o processo em curso na União Soviética, até então realizado com muitas hesitações por Gorbatchev, que vinha conseguindo jogar fora a água suja do banho sem despejar junto o bebê - para ficar na batida metáfora.

Agora, tudo mudou: junto com a água, foi-se o bebê, a banheira e, quiçá, a mãe da criança. É mais que provável que Gorbatchev seja deslocado do centro da política soviética e que a própria URSS desapareça - cedendo lugar a uma confederação de contornos ainda imprecisos, girando ao redor da Rússia e sob a hegemonia de Boris Ieltsin.

Desencadeado pela *glasnost* e pela *perestroika*, o desdobramento da situação da URSS representa o fim de uma e de outra. Com o fracasso de Gorbatchev, colapsa o projeto de auto-reforma do comunismo.

É o fato que toma conta da cena e deixa grande parte das esquerdas internacionais em uma situação de defensiva, quando não de perplexidade. Bem ou mal, a existência de um «socialismo real», com defeitos, dos quais podíamos nos distanciar, como efetivamente nos distanciamos, constituiu, no plano simbólico, uma referência (ainda que tratada criticamente) para grande parte dos combatentes pela



tre a natureza do sistema e a forma de governo, para que a democratização não abale os fundamentos de organização da sociedade. São exemplos deste desempenho Espanha e China - e do seu oposto, a URSS de Mikhail Gorbachev.

Conta-se em Moscou uma anedota. Como se comportariam Stálin, Brejnev e Gorbachev caso estivessem a bordo de um trem que quebrasse no meio do caminho? Stálin, certamente, mandaria fuzilar o maquinista. Brejnev ordenaria que todos balançassem o corpo, para fazer de conta que o trem andava. E Gorbachev ordenaria que todos saíssem e gritassem para o trem: «Anda! Anda! Anda!».

Nos primeiros anos, com o grande embate entre dois blocos-reformadores e conservadores brejnevistas -, o direito de gritar ao trem (*a glasnost*), encantava as multidões. A democratização era o caminho de remoção de um modelo esgotado, e parecia ser o suficiente para abrir uma nova época de prosperidade.

Superada a primeira etapa da reforma - com a derrota dos órgãos de Brejnev -, e o trem ainda parado, os temas da reestruturação (a *perestroika*) passaram a predominar. O degelo político estava bem adiantado em relação à construção de um novo modelo de desenvolvimento - e, afinal de contas, as pessoas não comem palavras e não gostam de se vestir com folhas de jornal.

O predomínio do grupo político de Gorbachev na luta interna do PCUS realizava a única tarefa que precede a reorganização da economia: a mudança do poder político de mãos, dos conservadores para os reforma-

dores. Circunscrito aos seus próprios termos estratégicos, o secretário-geral não pôde ir até o fundo na limpeza do aparelho de Estado - as forças conservadoras ficaram liberadas para o bloqueio e a sabotagem. Não pôde conter o açodamento e a ambição das novas camadas sociais que nasciam nas repúblicas, após as primeiras medidas de reconversão econômica - e aos defensores da restauração da antiga ordem derrubada pela Revolução de 1917 abriu-se a possibilidade da revanche.

O centro reformista começou a fazer água. Com a mudança da política internacional da URSS - cujo primeiro grande passo foi a retirada incondicional do Afeganistão, em 1988 -, o renascimento das reivindicações nacionalistas e a discussão sobre o que substituiria a economia planificada, Gorbachev perdeu suas primeiras tropas. Um setor, comandado pelo ideólogo oficial Igor Ligatchev, que queria as reformas dentro dos limites da integridade da URSS, da independência diplomática e militar e da organização econômica controlada pelo Estado, abre fogo e passa a encarnar a segunda leva dita «conservadora». Outro setor, liderado por Bóris Ieltsin - que havia sido afastado da direção do PCUS por comportamento errático -, constitui o bloco «ultra-reformista», cujo programa defendia a aceleração das reformas e nutria uma forte simpatia pelas sociedades capitalistas desenvolvidas.

No verão de 1989, estes três segmentos - os ultra-reformistas, os conservadores de segunda geração e o centro gorbachevista - vão ganhando perfis cada vez mais definidos. Gorbachev bus-

ca jogar uns contra os outros, e extrair forças do conflito entre as alas que o cercam. A luta corre nos marcos do PCUS, ainda. O ritmo da democratização caminha num sentido inversamente proporcional ao desenvolvimento da economia. Entre 1989 e o Congresso do PCUS, em julho de 1990, caem os regimes socialistas do leste europeu, termina o monopólio político do PC na URSS e as repúblicas bálticas aceleram a secessão - mas o trem continua parado.

Quando termina o verão de 1990, Ligatchev já fora aposentado pelo congresso partidário, Ieltsin havia abandonado o PCUS e Gorbachev recebia o olhar entre desconfiado e irado dos que haviam, durante os últimos cinco anos, gritado para o trem quebrado. O caos econômico, a desagregação da União, a perda da influência internacional são os fantasmas que rondam o comunismo.

O espaço de manobra do presidente soviético vai se reduzindo: cada uma das alas, os «ultra» de Ieltsin e a resistência conservadora, vai se preparando para um desfecho do conflito. Nenhum dos dois setores é mais o que era: Ieltsin já não manifesta compromisso com «a revolução dentro da ordem» e os conservadores simplificam sua plataforma em três bandeiras: defesa da União, manutenção da tradicional política internacional soviética e preservação de uma ordem econômica na qual prevaleçam as formas de controle estatal sobre o mercado. Tampouco o cenário é o mesmo: os embates se transferem paulatinamente do partido para as instituições estatais, para as forças armadas e para os serviços de segurança. Os lados contam →

A HISTÓRIA RECOMEÇA PELO LESTE

Os acontecimentos revolucionários na União Soviética só confirmam nossa posição, e a do PT, que na Europa Oriental estão em curso verdadeiras revoluções sociais, tendo o povo como ator principal. O golpe burocrático-militar precipitou o inevitável: o colapso do monopólio político, econômico e militar do Partido Comunista sobre a sociedade.

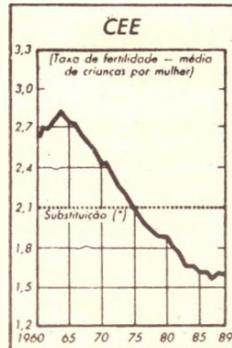
Como na outra revolução russa (a de 1917), os oprimidos põem abaixo décadas de autoritarismo, eliminam símbolos, subvertem normas e costumes, libertam a sociedade da antiga ordem.

As idéias democráticas e os movimentos contra a opressão nacional e social que sacodem o Leste europeu acabarão por contagiar todo o mundo. Apesar da terceira revolução industrial, das mudanças tecnológicas, dos novos blocos geopolíticos e militares, o desmoronamento do mundo do «socialismo real» trará como bagagem as preliminares de uma nova época. Sobre o solo europeu que treme com a queda das velhas estátuas, o ressurgimento das disputas nacionais e os receios sobre o futuro, não se chegará a história, não se chegará a um mundo todo organizado e encapsulado pelos ditames americanos e de outros gendarmes. O sonho de uma humanidade fraterna e solidária não acabou.

Nós que vivemos e somos atores deste final de século, devemos retomar o fio da história e aprender com a vida, com os acontecimentos da Europa e de Moscou. As quatro maiores lições: a era das revoluções sociais não acabou; o modelo soviético de socialismo recebeu a última pá de cal; a luta pela democracia é universal; todas as mudanças profundas são precedidas e dependem do fim do monopólio político, econômico e militar exercido pelas antigas classes ou castas dominantes.

Nosso clamor nacional por uma revolução democrática liga-se naturalmente ao terremoto literário do Leste: nossa convicção no recomeço da história certamente não pode se fiar nas nostalgias burocráticas e perversas dos velhos crocodilos soviéticos, assustados com o fato da nova era revolucionária despontar sob o seu próprio nariz.

JOSÉ DIRCEU



● O número de nascimentos na Europa caiu 25% nos últimos 30 anos e está bem abaixo do nível necessário para manter a população atual. Fenômeno parecido ocorre no Japão. A saída, nos marcos do capitalismo, é importar mão de obra barata. Com menores despesas familiares, mais cultos, mais ricos, europeus e japoneses não querem saber de trabalho sujos, pesados e mal remunerados.



FORA! FORA! FORA! FORA!

A grande imprensa destacou, com razão, o espetáculo assombroso dos navios de albaneses, desencantados com os anos do regime de Enver Hodxa, despejando-se no porto de Bari, Itália e, em seguida, expulsos. Faltou destacar: à medida que cresceu enormemente o número dos que tentam refúgio na Europa - 5 mil por ano nos anos 70, cerca de 500 mil agora - mudou a área de origem dos refugiados. Eles vêm principalmente da África e não do Leste europeu; e a imensa maioria não recebe asilo - na França, este ano, menos de 20% dos que pediram foram atendidos; na Alemanha, menos de 5%.

LAMA! LAMA! LAMA! LAMA!

Escândalos financeiros padrão Primeiro Mundo são os japoneses. A fraude que teria sido apurada com a intervenção dos bancos centrais das sete grandes nações capitalistas no Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI), de capital árabe e paquistanês - é estimada pelos intervenores entre 4 e 10 bilhões de dólares. No entanto, somando-se os escândalos em curso no sistema financeiro japonês atualmente, o BCCI perde longe, conclui o *Economist*. A capa da revista diz mais ou menos o seguinte: o Japão na Lama.

NO SEU esforço para manter o equilíbrio de um sistema financeiro internacional cada vez mais veloz e instável, os japoneses são manipuladores oficiais. O Ministério das Finanças do Japão, muitas vezes pressionados pelo governo americano, desempenha papel essencial na rolagem acelerada dos títulos do Tesouro americano, onde rolam 3,5 trilhões de dólares.

liberdade durante muitas décadas. Ora, passados mais de quarenta anos para os países do Leste europeu e mais de setenta para a URSS, constata-se que o socialismo sob hegemonia dos partidos comunistas não só fracassou economicamente - e, em grande medida, também socialmente -, como foi derrotado politicamente: sucumbiu ao teste da democracia.

O que está acontecendo nos países do Leste não é a «revolução política» dos sonhos das dissidências comunistas (especialmente os trotsquistas). Trata-se de um processo de reação da sociedade civil, que faz do socialismo o inimigo a ser destruído. Por socialismo entende-se não só o «realmente existente» como também aquele (utópico?) para o qual tentamos e continuamos tentando mobilizar as massas.

Todos os que se autodefinem como revolucionários (e sabemos quão dessemelhantes se abrigam sob esta designação) têm a obrigação de interrogar-se por que ideologias críticas e libertárias (sobretudo o marxismo) se transformaram em instrumentos conservadores, obscurantistas e de opressão. Sem isso, assistiremos a um nostálgico fundamentalismo da «defesa» de um mítico marxismo e estaremos despreparados para enfrentar os grandes desafios que nossas sociedades miseráveis e violentas nos colocam. Sem isso não haverá esperanças de que os valores do socialismo sepultados pelas burocracias possam reaparecer, ainda que sob outras denominações, no Leste da Europa e no resto do mundo. Não adianta ficar esperando um bonde da história que não virá mais. Um ciclo histórico se encerrou e a abertura de outro é, para os revolucionários, uma aposta que exigirá uma revisão radical da história. O trem que levou Lênin à Estação Finlândia, em março de 1917, na antiga Petrogrado, está de volta.

MARCO AURÉLIO GARCIA



A Verdade, General!

O Ministro do Exército disse no Congresso que vai colaborar com as investigações para localizar os desaparecidos políticos na repressão dos anos 70. Desde que isso não sirva à "estigmatização" das Forças Armadas. O que estigmatizaria as FAs? O fato, incontestável a essa altura, de que torturaram e mataram presos políticos nos anos 70, acha o general, com certeza. Seu argumento é de que é preciso enterrar o passado, legalmente anistiado. Há poucos dias uma bomba feita por gente muito especializada destruiu um pedaço do monumento a Caxias, numa praça de São Paulo. O Exército acudiu rapidamente, dizendo-se acima de suspeita. Eis o problema, de novo. A violência e o terror político existem, hoje. Não são problemas apenas no passado. Devem ser investigados e debatidos. Para eliminá-los, a verdade ajuda, general.

suas tropas. No primeiro semestre de 1991, a terceira onda de redefinição das forças em luta emagrece ainda mais o presidente: descolam-se do bloco reformador o ex-chanceler Shevardnaze e o assessor presidencial Iakovlev, para fazerem o papel de consciência crítica de Bóris Ieltsin, já eleito presidente da Rússia por via direta. Gorbachev enfrenta os conservadores em reunião do Comitê Central e chega a um termo de compromisso, o último nos marcos da auto-reforma.

Novo congresso, que jamais será realizado, é convocado e Gorbachev se compromete a lutar «por todas as formas» contra a decisão do presidente russo, de proibir as atividades do PCUS nas empresas estatais da república.

A dispersão de apoios ao centro vai tornando cada vez mais difícil o equilíbrio político executado por Gorbachev, até que sua fórmula estratégica entra em colapso. Na manhã de 19 de agosto, o pêndulo se inclina para os conservadores, numa derradeira tentativa. Metem os pés pelas mãos e fracassam. Três dias depois, os restauradores reagem de forma mortífera: com forte apoio popu-

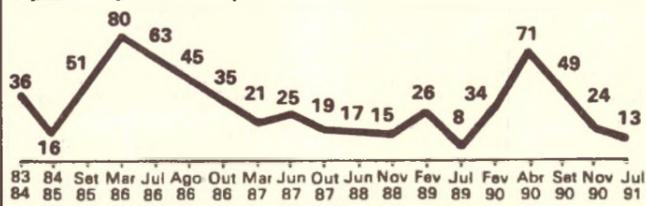
URGENTE: O PRAVDA FOI FECHADO, PC RUSSO É POSTO NA ILEGALIDADE, GORBACHEV É RIFADO, TEM-SE A CAÇA ÀS BRUXAS...

PRONTO, JÁ COMEÇOU A FUNCIONAR A DEMOCRACIA!



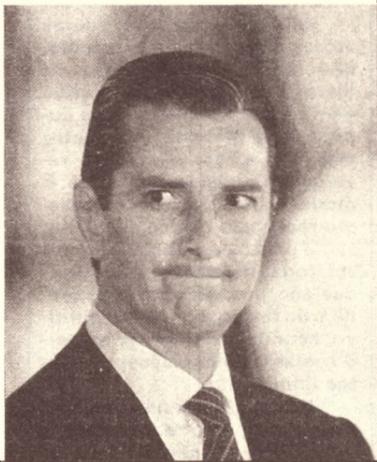
O governo não vai resolver a crise...

Porcentagem dos entrevistados que acham que o governo tem muita capacidade para dar soluções



NEM DINHEIRO, nem tamanho, é qualidade. O cinema brasileiro não morre com o fim da Embrafilme, como se dizia: caiu a produção de longas metragens, é certo; mas há uma explosão de curtas, com muitas produções boas - e baratas.

Estranhos são os caminhos neoliberais para o Primeiro Mundo: o governo Collor acelerou o processo de redução das verbas para o incentivo à pesquisa científica e tecnológica.



lar, esmagam o golpe e liquidam a auto-reforma. O Gorbachev que retorna à Presidência é refém da restauração e inventariante dos restos da URSS. Não há viva alma disposta a lutar pela sobrevivência do novo Kerenski.

SALTO NO ESCURO - Há 74 anos atrás, o drama: os trabalhadores arriscam o passo no escuro para construir um mundo de igualdade e justiça. O socialismo transformou a URSS num país industrializado, arrancou da ignorância milhões de cidadãos, derrotou os nazistas e permitiu aos trabalhadores dos países capitalistas desenvolvidos arrancar conquistas que, sem a existência da URSS e do espectro do comunismo, talvez não fossem possíveis. Pagou-se um preço caro em sangue, suor e lágrimas, mas depois de Outubro o mundo nunca mais foi o mesmo.

Mais de setenta anos depois, a farsa vence o drama: incontáveis multidões seguem líderes medíocres, empurrados a gestos heróicos pelas circunstâncias, que apropriam os símbolos da revolução dramática e prometem a vida que se assiste na televisão.

A farsa consiste em defender como futuro, de punhos cerrados e em nome da democracia, um sistema que empurrou para a miséria quatro quintos do planeta e que deve seus ares de humanidade, em um pequeno grupo de países aos dez dias que abalaram o mundo no longínquo ano de 1917.

BRENO ALTMAN

UNS VEM OUTROS VÃO EU VÔO!



PITI DESIGN

CLASSIFICADOS E ANÚNCIOS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PARA MILITARES

Experiência em golpes. Saiba tomar (e manter pelo menos por alguns meses) o poder. Quem não tem competência que não se estabeleça. Tentativas incompetentes acabam em prisões (nossas) ou suicídios. Cursos em línguas diversas, inclusive da Europa Oriental. Professores especializados de todo o Cone Sul.

LECIONA-SE

Arranje alunos inteligentes e progressistas anunciando no Brasil Agora. Contatos pelo telefone 220-7198

AO GUIA GENIAL DAS MASSAS

Restaurante macrô, digo maçã, tem em seu cardápio Lasanha à Grande Muralha; spaghetti à Longa Marcha; pizza ao Tigre de Papel (massa fina); talharini à camarilha dos quatro queijos; churrasco revisionista e hambúrguer do imperialismo ianque.

AGÊNCIA DE EMPREGOS VENDE-SE

Com 69 anos de sucesso, criada com base no sucesso de uma congênera internacional, especializada também em organizar viagens de formação para seus clientes, está à venda. Preço de liquidação

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PARA MILITARES

Experiência em golpes. Saiba tomar (e manter pelo menos por alguns meses) o poder. Quem não tem competência que não se estabeleça. Tentativas incompetentes acabam em prisões (nossas) ou suicídios. Cursos em línguas diversas, inclusive da Europa Oriental. Professores especializados de todo o Cone Sul.

LECIONA-SE

Arranje alunos inteligentes e progressistas anunciando no Brasil Agora. Contatos pelo telefone 220-7198

AO GUIA GENIAL DAS MASSAS

Restaurante macrô, digo maçã, tem em seu cardápio Lasanha à Grande Muralha; spaghetti à Longa Marcha; pizza ao Tigre de Papel (massa fina); talharini à camarilha dos quatro queijos; churrasco revisionista e hambúrguer do imperialismo ianque.

AGÊNCIA DE EMPREGOS VENDE-SE

Com 69 anos de sucesso, criada com base no sucesso de uma congênera internacional, especializada também em organizar viagens de formação para seus clientes, está à venda. Preço de liquidação

DECLARAÇÃO

Quem perdeu seus documentos, quem não perdeu nada mas quer declara alguma coisa, inclusive em quem votou nas últimas eleições (e cobrar o que o seu eleito prometeu), quem quer só declarar sua paixão por alguém ou alguma coisa, também tem espaço na seção de anúncios do Brasil Agora, que será lido em todo país. Contatos pelo telefone 220-7198.

RESOLVA SEU PROBLEMA

Dinheiro em excesso, amor de menos? Briga de casais? Madame Conveniência faz a reconciliação. Baralhos diversos, pó de café, bola de cristal e outras bolas. Perca o sono, não fuja da raia.

TÁ RUSSO

Militante dos antigos se oferece para pôr a glasnot em sua perestroika.

VENDE-SE
Agência de espionagem com sede em Moscou vende filial no Rio de Janeiro. Motivo: privatização.

FAÇA SUA FORTUNA

Você quer ganhar muito dinheiro? Aprecia viagens? Quer passear por países exóticos e viver grandes aventuras? Qual é o pó, meu? Rondônia te espera. Trabalhe com retaguarda estadual e federal.

VENDE-SE

Por um anúncio deste tamanho, seu anúncio aparecerá em 50 mil exemplares que serão lidos em todo o Brasil. Contatos pelo telefone 220-7198.

TÁ RUSSO

Militante dos antigos se oferece para pôr a glasnot em sua perestroika.

TÁ RUSSO

Militante dos antigos se oferece para pôr a glasnot em sua perestroika.

COSMÉTICOS RESISTENTES

Rímel, pó-de-arroz, blush e outros cosméticos que não saem fácil. Nem com lágrimas. Você que está em briga com seu marido ou namorado pode chorar em público sem medo de ficar borrada. Distribuidores em Brasília, breve.

DECLARAÇÃO

Quem perdeu seus documentos, quem não perdeu nada mas quer declara alguma coisa, inclusive em quem votou nas últimas eleições (e cobrar o que o seu eleito prometeu), quem quer só declarar sua paixão por alguém ou alguma coisa, também tem espaço na seção de anúncios do Brasil Agora, que será lido em todo país. Contatos pelo telefone 220-7198.

RESOLVA SEU PROBLEMA

Dinheiro em excesso, amor de menos? Briga de casais? Madame Conveniência faz a reconciliação. Baralhos diversos, pó de café, bola de cristal e outras bolas. Perca o sono, não fuja da raia.

TÁ RUSSO

Militante dos antigos se oferece para pôr a glasnot em sua perestroika.

VENDE-SE
Agência de espionagem com sede em Moscou vende filial no Rio de Janeiro. Motivo: privatização.

FAÇA SUA FORTUNA

Você quer ganhar muito dinheiro? Aprecia viagens? Quer passear por países exóticos e viver grandes aventuras? Qual é o pó, meu? Rondônia te espera. Trabalhe com retaguarda estadual e federal.

VENDE-SE

Por um anúncio deste tamanho, seu anúncio aparecerá em 50 mil exemplares que serão lidos em todo o Brasil. Contatos pelo telefone 220-7198.

TÁ RUSSO

Militante dos antigos se oferece para pôr a glasnot em sua perestroika.

TÁ RUSSO

Militante dos antigos se oferece para pôr a glasnot em sua perestroika.

COSMÉTICOS RESISTENTES

Rímel, pó-de-arroz, blush e outros cosméticos que não saem fácil. Nem com lágrimas. Você que está em briga com seu marido ou namorado pode chorar em público sem medo de ficar borrada. Distribuidores em Brasília, breve.

Quando o povo ganhou

FLÁVIO AGUIAR

Como é, vamos resistir? Foi com esta frase que o então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, recebeu alguns dos assessores que mandara chamar às pressas, até sua casa, na noite de 25 de agosto de 1961. O presidente Jânio Quadros acabara de renunciar com um lacônico bilhete enviado ao Congresso. Até hoje ninguém explicou precisamente o porquê. A versão consagrada diz que Jânio apostou em que os militares conservadores não aceitariam a posse de seu vice, João Goulart (Jango) visto como herdeiro do populismo getulista. Assim, ele, Jânio, seria reconduzido à presidência com poderes ampliados.

Efetivamente, os ministros militares (Odylio Denis, do Exército, Silvio Heck, da Marinha, e Grum Moss, da Aeronáutica), logo se opuseram à posse de Jango. Mas nos sete meses de um governo conturbado, Jânio se isolara demais das forças e partidos políticos. O povo ouviu perplexo a notícia da renúncia. Ninguém batalhou pela sua volta, e ele acabou deixando o país.

SEMBLANTES - A notícia da renúncia se espalhou em Porto Alegre no Dia do Soldado. Os comandantes encerraram as comemorações mais cedo. No palanque oficial, Brizola notou os semblantes carregados. Logo depois, fora dali, confirmou a notícia da renúncia. Junto, veio a informação do golpe. Os ministros militares não queriam Jango na Presidência. Brizola buscou logo contatos no país. Falou com o marechal Lott, candidato derrotado por Jânio em 1960. Lott lançara manifesto à nação defendendo a posse do vice. A partir daí o sentimento dominante na sede do governo, o Palácio Piratini, foi de que "ninguém ia dar o golpe pelo telefone". Brizola colocou a Brigada Militar de prontidão e preparou-se para a defesa.

No mesmo dia 25, estudantes, operários e profissionais de toda espécie reuniam-se em grêmios e sindicatos. Daí, convergiam para o centro da cidade, e da Rua da Prata, termômetro da cidade, ganhavam a enorme Praça da Matriz, em frente ao Palácio. O sentimento que tomava corpo era de que "se há um golpe, é contra nós", principalmente entre os estudantes. "Brizola está conosco, vai resistir", era a notícia complementar, acompanhada pela de que os ministros militares haviam dado ordens estritas para que o comandante do III Exército, gen. Machado Lopes, submetesse qualquer resistência. As rádios que divulgavam o manifesto do gen. Lott iam sendo censuradas, ou saindo do ar. Nas ruas em volta do Palácio, começaram a surgir barricadas de bancos de praça, latas e caminhões de lixo, engradados. "Todos para a praça", era a palavra de ordem de centenas de mini-comícios que se esparramaram pelo centro, levados por estudantes e sindicalistas. Nos quartéis, soldados, sargentos e oficiais discutiam intensamente o que fazer. No país, a maioria dos comandos permanecia fiel aos ministros, ou em silêncio. No III Exército, o gen. Machado Lopes hesitava. Os generais Pery Bevilacqua, sediado em Santa Maria, e Oromar Osório, no oeste do estado, se pronunciaram pela posse constitucional. Enquanto isso, Jango soubera da renúncia em Cingapura. Um dos membros da comitiva quis abrir uma campanha. "Bebamos ao imprevisível", foi o comentário de Jango.

"AI VEM OS GOLPISTAS" - Dia

28, segunda-feira, os acontecimentos se precipitaram. Brizola requisita a rádio Guaíba e manda a Brigada Militar guarnecer as suas torres de transmissão. Os microfones vêm para o Palácio. O povo converge mais e mais para a Praça da Matriz, onde comícios e boatos se avolumam. Corre a notícia de um ataque iminente, junto com a de que haveria até bombardeio aéreo. Há estupefação na praça, enquanto nos quartéis a tensão chega ao máximo. Outra nova sacode a praça, enquanto no Palácio começa a distribuição de armas, inclusive a civis: O gen. Machado Lopes vem ao Piratini. Só pode ser um ultimato, é a versão dentro e fora do Palácio. Brizola fala pelo rádio: emocionado, conchama o povo para vir à praça. Se houver luta, que se retirem, mas que se manifestem ainda uma vez. Depois de falar, chora. Há milhares de pessoas na praça. Anuncia-se: "ai vêm os golpistas". A tensão fica insuportável. É o Gen. Machado Lopes que chega, com alguns oficiais. Alguém puxa o hino nacional. Todos cantam. Os militares se perfilam e acompanham. Machado Lopes treme de emoção. Na verdade, viera comunicar ao governador a adesão do III Exército à defesa da legalidade. Brizola e Machado comparecem à sacada do Palácio. Há delírio, risos, gritos e lágrimas na praça. As rádios vão entrando em cadeia com a Guaíba, primeiro em Porto Alegre, depois pelo interior e pelo país. Forma-se a rede da legalidade, que vai dominar o espaço brasileiro durante os próximos dez dias.

No desespero, os militares golpistas haviam de fato enviado e reiterado a ordem de bombardeio. Ainda na manhã de 28, a Base Aérea de Canoas recebera uma mensagem em código: "Tudo azul em Cumbica. Boa viagem". Os caças deviam bombardear o Palácio e pousar na base de Cumbica, em S. Paulo. Oficiais golpistas decidem levantar vô. Alertados pelo cap. Alfredo Daudt, os sargentos cercam os oficiais num dos prédios. Todos estão pesadamente armados. Cria-se um impasse de horas, até que chegue uma força do Exército em apoio aos sargentos. Assume o comando o ten. cel. Alfeu Alcântara Monteiro, legalista. Os golpistas rumam para S. Paulo.

CONCILIAÇÃO À BRASILEIRA - Os acontecimentos se avolumam. A rede da legalidade se expande. O III Exército assume posições de defesa em Porto Alegre e desloca tropas em Santa Catarina e Paraná. Jango passa por Paris e chega a Montevidéu. No Congresso surge a proposta de que ele assumira, com poderes reduzidos por emenda parlamentarista. A reação popular em Porto Alegre é categórica: é um novo golpe. Estudantes, operários, artistas e demais "soldados da legalidade" se organizam em batalhões. Fala-se em marchar sobre Brasília. Os estudantes percorrem as ruas em grupos de três: um leva a bandeira da Frente Estudantil pela Legalidade, outro leva panfletos, o terceiro discursa, chamando o povo para o Palácio. Em Brasília, a bancada do antigo Partido Trabalhista Brasileiro, de Jango, não aceita a emenda. Decide-se enviar um avião com dois emissários a Montevidéu: um pró e um contra o parlamentarismo. O pró é Tancredo Neves, que antecipa o vô, deixando o outro emissário no chão. Sabedor do fato, Brizola pensa retê-lo em Porto Alegre, onde há escala prevista. Tancredo dá voltas e voltas sobre a capital gaúcha e ordena que o avião vá direto. Lá Jango se inclina por aceitar a emenda.

"COVARDE! COVARDE!" - No dia 1º, Jango chega a Porto Alegre.

A expectativa é enorme. À noite, arma-se gigantesca manifestação na Praça da Matriz. Há muita pressão para que Jango não aceite a solução conciliatória. Chove forte, mas a multidão não arreda pé. Dentro do Palácio, Jango escreve uma nota comunicando a aceitação. Há um clima de decepção mesmo entre os jornalistas. O primeiro que a recebe amassa a nota e a joga no chão, com um palavrão. "Faço outra", foi o

ciativa, sabotando os caças ainda no chão, em Brasília. No dia 7, Jango toma posse como o primeiro presidente sob regime parlamentarista no país. Desfaz-se a rede da legalidade. Os golpistas são anistiados: voltarão em 64.

Existem muitas explicações para a atitude de Jango. A mais comum hoje é a de que havia dois Jangos em Jango: o latifundiário e o populista. Na hora "H" a sólida

O gen. Orlando Geisel transmite ao gen. Machado Lopes, comandante do III Exército, a seguinte ordem do ministro da Guerra: O III Exército deve compelir imediatamente o sr. Leonel Brizola a pôr termo à ação subversiva que vem desenvolvendo e que se traduz pelo deslocamento e concentração de tropas (...)

Faça convergir sobre Porto Alegre toda a tropa do Rio Grande do Sul que julgar conveniente, inclusive a 5ª DI, se necessário.

Empregue a Aeronáutica, realizando inclusive o bombardeio, se necessário (...)

Da mensagem enviada pelo Gabinete do Ministério da Guerra ao III Exército, às 6 horas da manhã de 28 de agosto de 1961.

ICONOGRAPHIA



NO PORÃO DO PALÁCIO DO PIRATINI, BRIZOLA IMPROVISA O ESTÚDIO DA REDE DA LEGALIDADE

Povo de Porto Alegre, meus amigos do Rio Grande do Sul: não desejo sacrificar ninguém, mas venham para a frente deste Palácio, numa demonstração de protesto contra esta loucura e este desatino. Venham, e se eles quiserem cometer esta chacina, retirem-se, mas eu não me retirarei e aqui ficarei até o fim.

Da fala de Leonel Brizola ao microfone da Rádio Guaíba, às 11 horas da manhã de 28 de agosto de 1961.

lacônico comentário de Jango.

Fora, repercutiu o anúncio da decisão de Jango. Depois de imensa vaia segue-se o coro: CO - VAR - DE! Há muita confusão, gente xingando, aplaudindo, vaiando-se mutuamente. Os mais exaltados querem invadir o Piratini. Temeroso de algum atentado contra Jango, Brizola anuncia que vai retirá-lo dali por uma porta e leva-o por outra. No dia 2, o Congresso vota a emenda parlamentarista, aprovando-a. No dia 4, os ministros golpistas anunciam que acatam a solução. Jango vai para Brasília. No momento do embarque, em Porto Alegre, chega a notícia de uma tentativa desesperada, de alguns oficiais da Aeronáutica, de ainda interceptarem o avião que leva o futuro presidente. É a "Operação Mosquito". Mais uma vez, os sargentos frustraram a ini-

pressão do primeiro sufocava as inconsistências do segundo. Com a emenda aprovada no Congresso, a resistência teria de se radicalizar e passar à ofensiva sob a forma de uma insurreição generalizada. De qualquer forma, o saldo do movimento foi positivo. Pode-se dizer que o povo na rua comoveu sem dúvida grande parcela das Forças Armadas, que se dividiram. O golpe de fato veio pelo telefone e em grande parte foi desfeito pelo rádio. O país ganhou mais 3 anos de confusão e liberdade.

Nota: A história da legalidade está contada de modo fragmentário em muitos livros. Por exemplo: Legalidade: 25 anos (depoimentos de Leonel Brizola e outros). Porto Alegre, Editora Redactor, 1986. Labaki, Amir: 1961, a crise da renúncia e a solução parlamentarista (SP, Brasiliense, 1986). Schilling, Paulo - "Como se coloca a direita do poder" (2 vols.) SP, Global, 1982.

Colaborou Hamilton de Almeida, de Porto Alegre. Devo agradecer especialmente a Marcos Foerman que, em longa entrevista, contou-me muito do que aconteceu na cidade.

A tragédia (uma das tantas)

ARQUIVO FLÁVIO AGUIAR



Cel. Alfeu Monteiro, assassinado

1964. Deflagrado e vitorioso o golpe, os sargentos da Base Aérea de Canoas não querem entregá-la aos golpistas. O comandante desaparece. De passagem na base, respeitado pelos subalternos, legalista, o agora cel. Alfeu Monteiro assume o controle da situação, como em 1961. No dia 4 de abril chega o novo comandante. É o brigadeiro Lavanère Wanderley que, acompanhado pelo cel. Roberto Hipólito, fecha-se numa sala com o cel. Alfeu. Ouvem-se tiros. O ajudante de ordens do cel. Alfeu, que ficara fora, corre para a sala. O cel. Alfeu foi atingido por oito balas, pelo menos. Quatro pelas costas, quatro pela frente. O brigadeiro Wanderley está ferido num olho, de raspão. A versão oficial é de que o cel. Alfeu disparou primeiro e que o cel. Hipólito disparou em defesa do comandante. Não se descarta a possibilidade de que, ao ser atingido pelas costas, o cel. Alfeu tenha se voltado e que esse movimento tenha possibilitado que uma das balas, entre as que lhes eram dirigidas, tenha ferido o brigadeiro. Levado ao Hospital do Pronto Socorro, em Porto Alegre, o cel. Alfeu morreu logo depois, sem falar dos acontecimentos. Segundo uma freira presente, só falou insistentemente dos filhos.

O anedotário

A Legalidade deixou um pequeno mar de estórias. Eis algumas:

Madrugada no Palácio Piratini. Todos dormem armados. Ouve-se um arrastar metálico na rua em frente. Alguém acorda o jornalista e escritor Josué Guimarães: "Acorda, Josué. Os tanques estão chegando". "Que horas são?", pergunta Josué. "Duas da manhã". "Então me acorda quando passar o tanque das quatro".

Sábado, 26, final da tarde. Estudantes armam as primeiras barricadas com os pesados bancos da Praça da Matriz. Surge um clamor contra as barricadas: são os casais de namorados que disputam, um a um, os cobijados bancos. Mas cedem terreno. A legalidade vence a primeira batalha.

Segunda-feira, 28. Entre a multidão desponta um grupo de gaúchos a cavalo, vestidos a caráter. Um frêmito agita a multidão. É a imagem dos legendários farrupilhas que acode a legalidade. "Vieram para a defesa?", alguém pergunta. "Não somos de briga, somos de dança", responde o líder, prosseguindo pela praça.

AGORA 15

O LEÃO DE JUBA GRANDE

FANTÁSTICO: NO CAMELÓDROMO DO RIO, O PAÍS OFICIAL, DOS FARDÕES DA ACADEMIA, ENCONTRA O PAÍS REAL, DOS PIVETES E MENDIGOS

JOÃO ANTÔNIO

JORGE NUNES

Numa terceira edição de uma antologia dos anos cinquenta, hoje esgotada, "As Obras-Primas do Conto Brasileiro", os pesos pesados da especialidade Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro, seus coordenadores, observavam que a literatura brasileira tinha um anedotário pobre.

Nem tanto. Está aí um assunto que daria pano para manga, como se dizia naquele tempo.

A entrada de Paul Valéry (1871-1945) para a Academia Francesa causou escândalo. O poeta se apresentou, no dia da posse, com um fardão cortado sob medida, e seu porte de homem alto era majestoso. Os colegas ralharam sério com Valéry. Um acadêmico francês não podia se dar a tantos desperdícios. Era ostentação, pois, na Academia Francesa só se usa fardão em dia de posse e só há dois fardões. Um de tamanho grande; outro, pequeno. Ambos para o uso comum de todos os acadêmicos. Assim, Paul Valéry ofendia com as despesas de sua elegância pessoal no vestir a comedida Academia Francesa, parcimoniosa no gastar, lembrando uma sabedoria antiga, aparentemente ambígua: o homem não veste a roupa, a roupa é que veste o homem. Um alfaiate de renome diria que tudo deve estar de acordo com o nível social, com as atividades profissionais e com o meio.

Ariano Suassuna, que nos deu "O Santo e a Porca" e o "Auto da Compadecida", um dos grandes do teatro brasileiro, reconhecido, nome nacional desde a década de 50, autor entre outros de um livro considerável, "A Pedra do Reino", foi eleito para a Academia Brasileira de Letras "quase" por unanimidade. O "quase" é usado em Recife, pois, entre os pernambucanos um filho da terra sempre terá um defeito. E, se não tiver, é preciso encontrá-lo. Fora de Pernambuco, se disse e as folhas registraram, a chegada por consenso de Ariano à Academia. Mas no dia 15 de agosto de 1990 ele recebia uma das críticas mais negativas que sua carreira sofreu. A coluna social do sr. Ibrahim Sued intitulava no alto: "muito jeca a posse de Suassuna".

O estilo suedino feriu: "trajava um tecido leve, quase preto, com bordados diferentes do modelo acadêmico, um horror, muito jeca". Rigoroso fiscal de costumes e indumentária, o colunista que se refere aos menos ricos e poderosos com a expressão sumária de "reles periferia", não gastou sequer uma palavra para comentar o significado ou a importância da produção cultural de Ariano, novo acadêmico, motivo de teses universitárias e de ensaios, presente em várias antologias nacionais e livros de estudo de assuntos brasileiros. Mas Ibrahim, meticoloso, espetou que a composição de Suassuna era nada harmoniosa. E mesmo o colar destoava: "E o colar ídem: ao invés de um colar de ouro, o Sr. Ariano Suassuna usava um colar prateado e até sua espada tinha um desenho diferente". Apontou outros maus comportamentos de Ariano, como o de preferir falar sobre Euclides da Cunha e não sobre o seu patrono, o sergipano Genolino Amado. Conforme o colunista social, os acadêmicos se chocaram diante de tamanha descontração. E os imortais pretendiam "se redimir, mês que vem, preparando a posse de Cândido Mendes, na melhor linha de elegância à Joaquim Nabuco".

Ariano teria feito "improvisações" desaconselháveis num discurso de posse, além de um pecado capital: o seu fardão não fora cortado pelas mãos mestras do alfaiate oficial da Academia Brasileira de Letras, o estilista veterano, o mestre Francesco Rosalba.

Francesco Rosalba, presidente da diretoria do Lions Clube do Rio de Janeiro, Tijuca, 67 anos, brasileiro naturalizado, italiano de origem, é uma alma boa que nasceu na cidade de Paolo, na Calábria, está no Brasil há 53 anos e é um otimista, espírito alegre, extrovertido, dos que sorriem muito, uma liderança natural. Acariocou-se por completo. Mas para um Rio de paletó e gravata e trajes a rigor. É um senhor profissional, sem discussão; requisitado por embaixadores, ministros, executivos de coturno alto.

Já foi destaque leonístico de 1981, o que significa que o Lions o considera um fino cavalheiro, "humano, idealista, figura dedicada ao bem comum, profissional capaz, chefe de família exemplar e reconhecidamente Leão de Juba Grande".

As paredes de seu "atelier" no Largo de São Francisco são cobertas de



O MESTRE FRANCESCO, NO ATELIÊ COBERTO DE HONRAS: RECONHECIDO PELO LIONS, MINISTROS E EMBAIXADORES

camurça inglesa em verde-garrafa e não preto como em geral, julgam os menos informados. O bordado feito em tecido grosso para suportar o peso do ouro.

A arte de cortar o fardão, isso é importante. Francesco é o arquiteto e o desenhista, estilista que projeta a roupa. Seus alfaiates apenas executam. A final, ele é o maestro.

Todos os acadêmicos recém-eleitos vêm ao seu atelier, contentes, realizados. Estão no calor da vitória, após lutas na disputa árdua. Ele os atende, já cortou os fardões de Marcos Vilaça, Celso Cunha, Ledo Ivo, Carlos Nejar, Oscar Dias Corrêa ("o que foi ministro da Justiça"), Cândido Mendes, Geraldo França Lima, Dias Gomes). E trabalha em dois novos, os de Ivo Pitanguy e de Alberto Venâncio Filho.

Difícil calcular nestes tempos de inflação de dois dígitos o preço de um fardão verde-garrafa de camurça estrangeira com bordados de ouro no peito. Tudo importado. E os fios de ouro. É de se pensar em torno de um milhão e meio ou dois.

Mas tudo vai bem. O pagamento é feito pelos governos estaduais da origem do novo acadêmico. E, claro, paga o contribuinte.

Lá embaixo, visto do sexto andar de seu atelier, o Largo de São Francisco é mais miserável nestes dias e sujo, tumultuado, um mafuá do subemprego como o resto do centro do Rio de Janeiro, camelô após camelô e pedintes pelas calçadas e ruas. Em Copacabana não é diferente. Um formigueiro humano, pivetes, esmoleiros, confusão de tráfego, um vai-e-vem que não acaba, muitos ônibus xexelentos chegam ou tocam cheios, barulhentos, imundos, entopetados de gentes mais pobres e mal vestidas, que vêm ou vão para o outro lado da cidade, para os subúrbios, para o Rio esquecido.

Machado de Assis, o carioca número um e nosso maior escritor em todos os tempos, fundou a Academia Brasileira de Letras.

Sutil e dissimulado, uma esfinge do Cosme Velho, talvez o maior caso de nossa literatura e, decerto, o mais perturbador até hoje. No século passado, ele escreveu uma pequena mostra de seu pensamento sobre o Brasil: "O país real, esse é bom, o povo revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco".

diplomas de honra em festivais de elegância, prêmios, fotos coloridas e em preto-e-branco ao lado de acadêmicos famosos, de Marcos Vilaça a Geraldo França Lima, de Carlos Nejar, Dias Gomes a Jorge Amado e Lygia Fagundes Telles. Os móveis, antigos; e neles descansam troféus que condecoraram a sua batalha. Ou altruísmo, em campanhas benemerentes. Os móveis de palhinha e o ambiente propicia, se a persiana estiver semi-cerrada, uma atmosfera descansada, quase gótica. Agradável.

No velho prédio do centro do Rio, Francesco mantém seis salas e vinte alfaiates tarimbados, homens aí de seus cinquenta anos. Experimentados, todos senhores. Tem um sócio mais velho que ele, Mota, alagoano magriço, cabeça branca, óculos e vetusta elegância no seu suspensório colorido. Mestre Francesco percebe que está faltando renovação na sua arte, pensa em fazer uma escola de alfaiates:

- Tenho um ideal, mas não posso arcar sozinho com as despesas.

Os aluguéis caros, necessário providenciar mestres e, na sua receita, há pontos básicos e duros para se formar um profissional, um bom mestre, uma boa escola. E mais, o gosto, a vocação. Reunir isso e administrar, cultivar, custa dinheiro.

Como em tudo na vida, é preciso sorte, diz. Assim se deu com os fardões da Academia Brasileira de Letras. Marcos Vilaça, ministro do Tribunal de Contas e seu cliente, quando eleito, o convidou para fazer o fardão. Fez o corte e fez sucesso. E de dois de maio de 1985 até hoje, Francesco é o estilista dos fardões.

Trata-se de um bordado à mão, delicado, trabalhoso, especial. Os fios dourados de ouro autêntico, importados da França, caros. Requer dois meses de trabalho, é técnica apurada. Francesco aprendeu a teoria com o pai, que bordava os uniformes de gala dos carabinieri na Calábria, indumentária semelhante à da Academia. Mas não igual. A semelhança é maior com os fardões da Academia Francesa, até na cor. O feitiço, o mesmo. O tecido importado, de

**Ainda teremos pirâmides
no Brasil. Candidatos a faraós
embalsamados não faltam**



**BRASIL
AGORA**



**Raciocine com a gente: se é
bom antecipar o plesbicito, por
que não antecipar também a
eleição presidencial?**